

Ludoviko Carnasciali dos Santos

**DESCRIÇÃO DE ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS
DA LÍNGUA SUYÁ (KÏSÊDJÊ) FAMÍLIA JÊ**

UFSC

1997

Ludoviko Carnasciali dos Santos

**DESCRIÇÃO DE ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS
DA LÍNGUA SUYÁ (KÎSÊDJÊ) FAMÍLIA JÊ**

Tese apresentada ao Departamento de
Língua e Literatura Vernáculas da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em
Linguística.

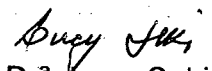
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucy Seki
(IEL / UNICAMP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

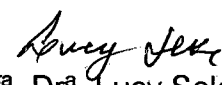
1997

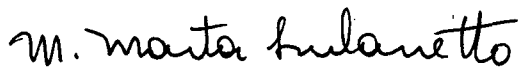
Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do grau de Doutor em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.


Profª. Drª. Ioni Grimm Cabral
Coordenadora

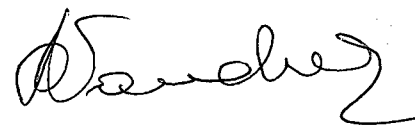

Profª. Drª. Lucy Seki
Orientadora

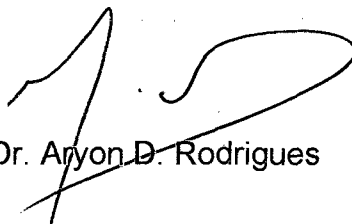
Apresentada à Banca Examinadora:

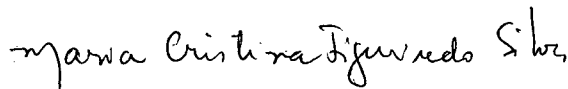

Profª. Drª. Lucy Seki
(Orientadora – UNICAMP)


Profª. Drª. Maria Marta Furlanetto
(UFSC)


Profª. Drª. Adair Palácio
(UFPe)


Prof. Dr. Paulino Vandresen
(UFSC)


Prof. Dr. Anyon D. Rodrigues
(UNB)


Drª. Maria Cristina Figueiredo Silva
(UFSC)

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho, muitas foram as pessoas e instituições que me auxiliaram, de um modo ou de outro, para que chegasse este final.

Agradeço, inicialmente, ao Povo Kîsêdjê pela acolhida maravilhosa que tive desde a primeira vez que os visitei. Kuyusi, Kaomi, Hwîtxi, que nunca se furtaram a ajudar-me nas mais variadas situações. Ao meu Professor e amigo, Tempty, pela inabalável paciência com que sempre participava de nossas sessões de coleta de dados e, nos poucos momentos de folga, pelas “canoas” compartilhadas entre brincadeiras e conversas sobre os nossos desejos e planos futuros.

Aos meus colegas da Universidade Estadual de Londrina-PR, que esperam por este trabalho tão ansiosamente quanto eu e, principalmente, à Esther, Professora Esther G. de Oliveira, amiga com quem pude sempre contar naquelas horas mais difíceis.

À Magali e à Inelci, acima de tudo amigas, daquele tipo que se procura à luz de vela, agradeço muito, muito especialmente pelo trabalho de me terem como amigo e colega de Projeto.

Aos Professores do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina-SC, pela compreensão que me dispensaram enquanto aluno deste Programa.

À minha Orientadora devo agradecer duplamente. Primeiro, à Professora Dourora Lucy Seki pela seriedade, dedicação e, principalmente, pela experiência ímpar de pesquisadora na qual me apoiei vezes sem conta para desenvolver este trabalho. E, ainda, à Lucy, amiga infatigável, companheira de discussões (acaloradas!) permitidas apenas pela amizade que ultrapassou a mera relação entre orientador e orientando.

Ao Hiroshi, Hirô (valeu a força, tá?) e à Harumi que me acolheram em sua casa inúmeras vezes, tratando-me de tal forma que me considero, abusivamente, “de casa”.

Ao Seu Luís e à Otília que ajudaram a mim e à minha família em momentos que nos asseguraram a tranquilidade necessária para a conclusão deste trabalho. À Vó Lica, pela certeza inabalável de que eu conseguiria chegar ao fim desta empreitada, e a toda a Família Reis pelos muitos incentivos.

Ao meu pai, meu primeiro incentivador, pesquisador nato em quem me inspiro desde sempre, e à Luzineide pelo amor e carinho constantes.

Aos meus irmãos, que souberam compreender os inúmeros convites recusados.

À Karolina e à Bianka, minhas filhas, por suportarem os muitos momentos em que as privei de minha companhia. Mas agradeço, principalmente, ao conforto seguro e sereno que a Karol sempre me transmitiu e aos rompantes incontidos de alegria da Bianka.

A você, fofinha, pelo amor incondicional com que me acompanhou em mais esta jornada e por tudo que fizemos juntos nesses vinte anos maravilhosos. Aqui está nosso trabalho.

RESUMO

Este trabalho documenta e descreve, com base em dados obtidos junto a falantes nativos, aspectos sintáticos e morfológicos do Suyá (também conhecida por Kîsêdjê) língua da Família Jê, falada por cerca de 300 pessoas que vivem no Parque Indígena do Xingu / Brasil Central (MT).

Focalizam-se, em uma perspectiva funcional-tipológica, as classes gramaticais da língua, que são identificadas com base em critérios morfológicos e sintáticos. São também abordados os tipos oracionais do Suyá / Kîsêdjê e seu sistema de marcação de caso. Enfocam-se, ainda, alguns aspectos da fonologia, necessários para operar a descrição.

O trabalho reflete resultados parciais de uma pesquisa em andamento que se insere no Projeto de Documentação e Descrição de Línguas do Parque Indígena do Xingu, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Lucy Seki (UNICAMP).

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

A	Sujeito de Verbo Transitivo
abs	Absolutivo
adv	Advérbio
asp	Aspecto
cóp	Cópula
dat	Dativo
dl	Dual
dem	Demonstrativo
erg	Ergativo
exo	Exortativo
FA	Forma verbal em construções negativas, no futuro e no aspecto progressivo
FB	Forma verbal em construções não negativas, não futuras e não progressivas
fut	Futuro
imp	Imperativo
int	Interrogativo
loc	Locativo
ms	Marca de Sujeito
neg	Negação
nfut	Não futuro
O	Objeto Direto
obj	Marca de Objeto
obl	Oblíquo
p	pessoa

pass	Passado
pc	Paucal
pl	Plural
ple	(pessoa do) Plural Exclusiva
pli	(pessoa do) Plural Inclusiva
posp	Posposição
pro	Pronome
ps	Pessoa do Singular
refl	Reflexiva
rel	Relacional
S	Sujeito de Verbo Intransitivo
SI	Série I de Pronomes
SII	Série II de Pronomes
SIII	Série III de Pronomes
SIV	Série IV de Pronomes
sing	Singular
TAM	Tempo / Aspecto / Modo
tóp	Tópico
V	Verbo
* x	Agramatical ou não aceitável
1	Primeira Pessoa
2	Segunda Pessoa
1 + 2	1ª Pessoa do Dual
3	Terceira Pessoa
?	Como glossa, indica dúvida.

ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo

Abreviaturas e Símbolos

1. Introdução	5
1.1 O Povo Kîsêdjê	7
1.2 A Língua	9
1.3 Estudos Prévios	13
1.4 Trabalho de Campo	18
1.5 Metodologia	20
1.6 Considerações sobre a Fonologia e a Transcrição Utilizada	22
2. Classes de Palavras	26
2.1 Nome	27
2.1.1 Categoria de Posse	33
2.1.2 Posse Inalienável	34
2.1.3 Posse Alienável	36
2.1.4 Prefixos Relacionais	38
2.1.5 Formação de Nomes	40
2.2 Pronome	43
2.2.1 Pronomes da Série I	46
2.2.2 Pronomes da Série II	51
2.2.3 Pronomes da Série III	56
2.2.4 Pronomes da Série IV	58
2.2.5 Construção com Pronomes Topicalizados	58
2.3 Demonstrativo	61
2.4 Adjetivo	63
2.5 Verbo	68
2.5.1 Formas do Verbo	68

2.5.2	Classes do Verbo	75
2.5.2.1	Verbo Intransitivo	75
2.5.2.2	Verbo Transitivo	77
2.5.2.3	Prefixo ku-	79
2.5.3	Tempo / Aspecto	80
2.5.3.1	Partículas de Tempo / Aspecto	80
2.5.3.2	Progressivo	87
2.5.3.3	Habitual	89
2.5.3.5	Compleativo	91
2.6	Advérbio	92
2.7	Posposição	96
2.8	Partícula	100
3.	Sintaxe	105
3.1	Subconstituintes da Oração	105
3.1.1	Locução Nominal	105
3.1.1.1	Locução Genitiva	106
3.1.1.2	Outros Modificadores	109
3.1.1.3	Locução Especificadora	110
3.1.2	Locução Verbal	112
3.1.2.1	Prefixos Relacionais com Verbo	113
3.2	Orações Independentes	116
3.2.1	Tipos Básicos de Orações	116
3.2.2	Orações Intransitivas	117
3.2.3	Orações Intransitivas Estendidas	123
3.2.4	Orações Transitivas	125
3.2.5	Orações Transitivas Estendidas	134
3.2.6	Orações Identificacionais	136
3.2.7	Orações Equativas	139
3.2.8	Orações Locativas / Existenciais	140
3.2.9	Orações Possessivas	141
3.3	Imperativos	144

3.4 Interrogativos	149
3.4.1 Perguntas Sim / Não	149
3.4.2 Perguntas Alternativas	151
3.4.3 Perguntas com Palavras Interrogativas	152
3.5 Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes	156
3.5.1 Introdução	156
3.5.2 Marcação de Caso nas Orações Independentes do Kĩsêdjê	159
3.5.3 Sistema de Marcação de Caso Envolvendo Pronominais	159
3.5.4 Sistema de Marcação de Caso Envolvendo Nominais	165
4. Conclusão	170
5. Bibliografia	173

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever aspectos da morfossintaxe da língua Kísêdjê.

O trabalho se justifica por vários motivos: i) As línguas indígenas brasileiras carecem de descrições, principalmente a nível sintático. Até 1986, das mais de 170 línguas indígenas faladas no Brasil, em torno de 60 tinham algum tipo de estudo lingüístico. Apesar dos esforços de vários centros, onde se estudam essas línguas (Museu Goeldi - PA, UNICAMP - SP, Museu Nacional do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás), é improvável que, nos últimos 10 anos, tenham sido estudadas 40 línguas, considerando-se o número de lingüistas dedicados a esta tarefa no Brasil. ii) A análise dessas línguas é fundamental para o estudo das relações internas entre as línguas da Família Jê, bem como entre línguas de outras Famílias Lingüísticas. Vale notar que, em seu trabalho comparativo de cinco línguas Jê, Davis (DAVIS, 1966) coloca que aqueles dados relativos ao Kísêdjê eram os menos confiáveis. iii) Análises de línguas pouco ou nada descritas dão uma contribuição significativa à construção e testagem de simulacros da competência lingüística. iv) Há, ainda, a evidente

contribuição social quando se coloca ao alcance dos povos que falam essas línguas a possibilidade de documentação de um traço de suas culturas, além do material instrucional que possibilita a alfabetização em língua materna, o que os torna mais aptos a interagirem com a sociedade nacional.

Este trabalho divide-se em cinco capítulos.

A Introdução, onde apontamos o objetivo e a relevância desta descrição, vem dividida nos seguintes itens: **O Povo Kîsêdjê**, onde discorreremos brevemente sobre a história de sua movimentação desde fins do século passado até se fixarem no lugar que hoje habitam. **A Língua**, onde explicitamos a possibilidade de haver uma variante lingüística falada pelos mais velhos, em contraposição àquela falada pelos jovens e, ainda, resumidamente, tratamos de alguns aspectos fonológicos da língua tapayúna comparada ao Kîsêdjê. No item referente a **Estudos Prévios** comentamos sobre os trabalhos já existentes sobre esta língua e justificamos por que não tomamos como ponto de partida de nosso trabalho a análise feita por Guedes. **O Trabalho de Campo** é o item em que informamos sobre as oportunidades de coleta de dados, discorreremos sobre a metodologia que utilizamos para a coleta desses dados e definimos também sobre qual instrumental teórico nos estamos apoiando.

O segundo capítulo é dedicado às **Classes de Palavras** abordadas, não de um ponto de vista distribucional ou meramente descritivo, mas definidas morfossintaticamente, de modo a possibilitar a operacionalização da análise.

No capítulo intitulado **Sintaxe**, discorreremos sobre os subconstituintes da oração definindo-lhes a estrutura de modo a que pudéssemos estabelecer as relações entre eles quando tratássemos das **Orações Independentes** e do

sistema de **Marcação de Casos** nestas mesmas orações. Discorreremos, ainda, sobre os **Interrogativos** e as formas **Imperativas**.

Na **Conclusão**, resumimos os principais aspectos abordados neste trabalho e salientamos algumas diferenças entre a língua por nós estudada e outras línguas da Família Jê.

A **Bibliografia** contém obras citadas no decorrer do trabalho, bem como obras que nos serviram de apoio para levar a termo esta análise.

1.1 O Povo Kĩsêdjê

É necessário, para escrever sobre o povo que me acolheu em sua aldeia, fazer uma explicação a respeito do termo Kĩsêdjê, usado indistintamente neste trabalho para fazer referência à língua e ao grupo que a fala. Tal termo foi-me dado por meu principal informante, Tempty, durante os trabalhos para elaboração de material didático para uso na escola da aldeia. A denominação comum por mim conhecida e utilizada, tanto para o povo, quanto para a língua era Suyá. A explicação que me deu foi a seguinte: "Suyá é o nome que o pessoal deu para a gente". Assim, em todo o material escolar consta a palavra *Kĩsêdjê*. O uso desta palavra não tem nenhum caráter de inovação fútil de nossa parte, mas apenas respeito à decisão tomada por um representante nativo da cultura, apoiada, e exigida, pelos homens mais velhos do grupo.

Os Kĩsêdjê chegaram à região do Rio Xingu vindos do leste na primeira metade do século passado. Habitaram, inicialmente, a região conhecida por Alto Xingu onde formaram aldeia e travaram conhecimento com os povos que já

habitavam essa região. Depois disso, iniciaram deslocamento rio abaixo até estabeleceram-se na confluência dos rios Xingu e Suyá-Missu, na região hoje conhecida por Diauarum. Nesta localidade tiveram o primeiro contato com um não-índio, Karl Von den Steinen (setembro de 1884), que observou que os Kîsêdjê mantinham contatos freqüentes com o pessoal do Alto Xingu, assimilando, inclusive, vários traços culturais alto-xinguanos: formato das casas, ornamentos, padrões de ornamentação do corpo e outros (SEEGER, 1980).

Em consequência de conflitos com outros grupos indígenas da região do Médio Xingu, os Kîsêdjê mudaram-se da região do Diauarum, subiram o rio Suyá-Missu e estabeleceram nova aldeia. Esta época, por volta de 1915, até 1959, que marca a chegada da frente “pacificadora” organizada pelos Vilias Boas, os Kîsêdjê sofreram diversos ataques de grupos rivais e também de não-índios, o que os levou a se isolarem até serem “descobertos” pelo avanço da frente “pacificadora”.

Com o contato com os Villas Boas, os Kîsêdjê foram convencidos a descer o rio Suyá-Missu e estabelecer aldeia, novamente, na região de confluência deste rio com o rio Xingu. Este deslocamento deixou a região do alto curso do rio Suyá-Missu livre para a colonização, justamente as terras que hoje os Kîsêdjê lutam para reaver.

Atualmente, os Kîsêdjê vivem em duas aldeias: a aldeia Rikô, á margem esquerda do rio Suyá-Missu, e a aldeia Ngôságá, formada há, aproximadamente, quatro anos, á margem do rio Wawi. Considerando-se ambas as aldeias, a população é de cerca de 300 pessoas, em franca expansão. Há, em cada uma

delas, uma escola: a do Rikô¹ é de responsabilidade do professor Tempty e a da aldeia Ngoságá é de responsabilidade do professor Kaomi.

Já há algum tempo, cresce um movimento de reafirmação cultural entre os Kîsêdjê, em parte motivado pela inclusão da escola nas aldeias. Os professores não tomam decisões isoladas sobre a escrita, sobre o que deve ser ensinado e como, mas escutam os mais velhos, que têm a última palavra. Assim, parece-me, a escola torna-se um ponto aglutinador, onde se concilia o que os mais jovens querem com o que os mais velhos consideram ser importante para que a cultura indígena não seja abandonada.

1.2 A Língua

No que concerne à posição da língua dentro da família, Rodrigues (RODRIGUES, 1986, p. 48), a aponta como uma língua mais estreitamente aparentada com o Kaiapó, e Davis (DAVIS, 1966), a considera como constituindo por si uma subdivisão da família.

Deve-se a Seki (SEKI, 1989) uma primeira tentativa de demonstrar, ainda com base em dados bastante exíguos, a proximidade do Kîsêdjê com o Tapayúna, e destes com o Kayapó, nos níveis fonético, fonológico e lexical.

A língua Kîsêdjê pertence ao Tronco Macro-Jê, Família Lingüística Jê (RODRIGUES, 1986).

No que diz respeito a variantes dialetais, não registramos evidências, entre os falantes das aldeias Rikô e Ngôságá, para afirmar que existam variantes

¹ Os nomes das aldeias estão grafados conforme a ortografia do Kîsêdjê que foi elaborada por Kaomi Suyá, Ludoviko dos Santos e Tempty Suyá.

lingüísticas relevantes da língua falada pelas pessoas dessas aldeias. Registramos uma pequena variação na pronúncia de determinados sons quando falado por jovens ou por velhos, como, por exemplo, a pronúncia da palavra *ˈtewɛ*: caso seja falada por uma pessoa mais velha, como um de meus informantes (Wetá), a palavra tem o seguinte registro fonético [*ˈtɛβɛ*], com fricativa, bilabial, sonora; enquanto a pronúncia de um jovem, como o Tempti e o Kaomi, seria: [*ˈtewɛ*].

Há, por outro lado, uma importante variação entre o Kîsêdjê e o Tapayúna, a nível fonológico. Ilustramos, abaixo, algumas correspondências entre os fonemas das duas línguas (veja-se, também, Seki, 1989).

a) o fonema /t/ do Tapayúna ocorre como /s/ em Kîsêdjê. Os exemplos a seguir estão dispostos na seguinte ordem: Tapayúna, Kîsêdjê. Quando nos referirmos a uma ou outra língua usaremos, respectivamente, as siglas LT e LK.

- | | | |
|------------------------------|---------------------------|-------------------------------|
| a. ˈtĩɾɛ, ˈsĩɾɛ “pequeno” | d. kurtĩ, kuˈsi “fogo” | f. hwĩˈto, hwĩˈso “folha” |
| b. ˈti, ˈsi “osso” | e. ˈtere, ˈsere “queimar” | g. tiˈkɔɾɔ, siˈkɔɾɔ “inchado” |
| c. tũmˈkre, sũmˈkre “orelha” | | |

No entanto, apesar de poucos, há dados onde essa relação não ocorre:

- | | | |
|--------------------|---------------------|-------------------------|
| h. wĩti, wĩti “um” | i. tuɾɛ, tuɾɛ “pai” | j. ˈtewɛ, ˈtewɛ “peixe” |
|--------------------|---------------------|-------------------------|

Pelos dados percebe-se que a relação entre /t/ e /s/ ocorre em sílaba tônica ou átona, diante de vogais anteriores ou posteriores, diante de vogais altas, médias ou baixas. E ainda, em ambientes semelhantes onde a relação seria esperada, não ocorre.

b) O fonema /w/ de LT ocorre como /p/ em LK. Essa relação ocorre apenas em início de palavra.

k. 'wĩ, 'pĩ “pegar”

m. wĩɾɛyɛ, pĩɾɛyɛ “menina”

l. 'wa, 'pa “eu”

n. wɔy'to, pɔy'to “mamão”

c) O fonema /m/ de LT ocorre como /p/ em LK.

o. 'mõ, 'pã “capim ou mato”

q. ku'mẽ, ku'pẽ “estrangeiro”

p. ka'mẽɾɛ, ka'pẽɾɛ “falar”

r. 'mĩ, 'pĩ “matar”

É interessante notar que o fonema /p/ de LK, que corresponde em LT a /m/, sempre ocorre seguido de vogal nasal, enquanto o fonema /p/ de LK, que corresponde a /w/ de L1, não ocorre diante de vogais nasais. Note-se ainda que a nasalidade da vogal em /pĩ/ pode não ser do mesmo tipo da nasalidade em /kapẽɾɛ/ ou /ku'pẽ/. Ou seja, no primeiro caso pode tratar-se de manutenção do traço nasal da consoante.

d) Em **b** e **c** há possibilidade de se estabelecer distribuição: /m/, que em LT ocorre seguido por vogais nasais ou /i/ torna-se em /p/ em LK; /w/, de LT, seguido por vogais orais, menos /i/, torna-se /p/. Ou ainda, considerando-se palavras de mais de uma sílaba, /w/ de LT torna-se /p/ em LK em sílaba inicial; /m/ de LT torna-se /p/ em LK em sílaba não inicial.

e) Entretanto, há dados onde a relação não ocorre:

r. wɛ'wɛ, wɛ'wɛ "borboleta" s. wɪ'ti, wɪ'ti "um" t. wɐ'ti, wɐ'si "milho"

f) Em algumas palavras, /m/ corresponde ao alofone /mb/ de LK.

u. 'miri, 'mbiri "sol" v. 'mi, 'mbi "macho"

Os dados que possuímos do Tapayúna demonstram que as diferenças entre as duas línguas ocorrem apenas a nível fonológico. A nível morfológico e sintático ambas comportam-se do mesmo modo. Um vez encerrada esta etapa de descrição do kîsêdjê, poderemos deter nos na comparação da fonologia e morfossintaxe das duas línguas.

1.3 Estudos Prévios

O primeiro registro sobre a língua Kĩsêdjê de que se tem notícia é uma lista vocabular, com 132 itens, elaborada por Karl von den Steinen (STEINEN, 1942), de fundamental importância para tratar-se da fonologia e relações de parentesco entre línguas da Família Jê, mas pouco ilustrativa no que tange a aspectos gramaticais. Até pouco tempo, era o único material disponível sobre a língua Kĩsêdjê.

Há, ainda, uma lista vocabular do Kĩsêdjê coletada por Collins (COLLINS, 1962), contendo 179 itens extraídos do “Formulário dos Vocabulários Padrões”. Davis menciona uma lista de Schultz, à qual não tivemos acesso.

Outros trabalhos sobre essa mesma língua são uma tese de doutoramento de Guedes (GUEDES, 1993), e artigos da mesma autora incorporados à tese. Trata-se de uma tentativa inicial de apresentação de aspectos da fonologia e da gramática da língua Suyã (= Kĩsêdjê), com as falhas inerentes às primeiras abordagens de línguas pouco estudadas. Não é nossa intenção apresentar uma apreciação geral do trabalho, mas tão somente alguns dos problemas que fundamentam a afirmação feita acima.

A terminologia e os critérios, por exemplo, para definição de Classes de Palavras, quando apresentados, são pouco precisos e, em muitos casos, incongruentes. Assim, ao discorrer sobre o que considera como partículas Guedes coloca:

“Partículas são entendidas aqui, como elementos gramaticais, que têm de uma a três sílabas. Esses elementos (cf. Mattoso Câmara, 1974) podem ser formas livres, formas dependentes e formas presas. Em Suyá, ocorrem como partículas tanto palavras, quanto morfemas.

Estas formas mínimas podem ser afixos (sufixos ou prefixos), conjunções, preposições, advérbios, numerais etc.” (GUEDES, 1993, p. 137), (o grifo é nosso)

A partir dos critérios acima é difícil identificar o que seja uma partícula.

Um segundo aspecto a ser comentado é a transcrição registrada. Há vários erros de registro, dentre os quais destacaremos apenas aqueles que nos parecem mais graves. Sistemáticamente, a Autora deixou de registrar a seqüência /h/ + /r/ em palavras como /'hrõ/ “esposa”, /'hri/ “caminho”, registradas por Guedes como, respectivamente, /xõ/, e /xi/ (op. cit., p.274). O mesmo ocorreu com palavras como /hwi'ka/ “chão”, que, no registro de Guedes, como /xika/ (op. cit. p. 159). Tais registros podem induzir ao erro aqueles lingüistas que buscam estabelecer relações entre as línguas indígenas de uma mesma família e entre famílias, principalmente o erro de registro da seqüência /h/ + /r/ que é, como já dissemos, sistemático. Outro problema é a falta de registro do fonema /m/ na palavra /'tẽm/ “ir”, registrada por Guedes como /tẽ/ (op. cit. p. 148). Isso impossibilita identificar a forma extensa deste verbo /'tẽm/, que se contrapõe à forma não extensa /tẽ/, distinção (condicionada), importante porque este verbo

ocorre com pronomes pessoais diferentes de acordo com a forma com que se apresenta, como será visto no presente trabalho.

A transcrição pouco segura levou a enganos sérios de segmentação e identificação como, por exemplo, em relação à construção com pronome de primeira pessoa topicalizada, como segue:

(‘pa -n wa) i- ‘tẽm mã

1ps tópico 1ps 1ps ir fut

“Eu que irei”

A construção acima, entre parênteses, foi interpretada por Guedes de diferentes maneiras, conforme mostram os exemplos abaixo extraídos das páginas 114 e 115 de sua tese (GUEDES,1993). As sublinhas nos dados que seguem são feitas por Guedes, aparentemente, para identificar a que segmento a glossa se refere.

pánowa róp pĩ

eu - onça - matar

“eu matei uma onça”

pánowa pó ĵe

eu - chegar

"eu chego/cheguei"

noá tẽ

eu - ir

"ando/andei"

O engano no registro, bem como na segmentação, levou a não identificação da partícula de tópico e, conseqüentemente, das formas pronominais de 1ª. pessoa: 'pa, que ocorre como forma livre e como elemento topicalizado, e 'wa, que ocorre em outros contextos.

Aos problemas acima colocados, somam-se desvios de análise, alguns deles motivados, inevitavelmente, pelos enganos de registro e segmentação. Um dos que teve maiores conseqüências para a análise da estrutura da língua foi a não identificação da partícula n(a) "tópico". Nas construções com pronomes a partícula foi tomada como parte do pronome de 1ª pessoa (nowa ou noá), e em outras construções foi erroneamente interpretada como variante da partícula ra, que consideramos como marca de sujeito. Guedes coloca: "**-na**: ocorre em orações transitivas e equativas. Nesta última **-na ~ -ra**.(os negritos são da autora)", (GUEDES, 1993, p. 139). Este engano levou a autora a afirmar que "A partícula sufixal **-ra** é um marcador de caso que ocorre com os sintagmas nominais que ocupam a posição de sujeito e de objeto da oração." (op. cit, p. 102).

Com esta análise, interpretou erroneamente locuções nominais em função de objeto deslocadas para o início da oração e, por isso, com a marca de tópico. Some-se, ainda, que Guedes não percebeu que, para uma classe de verbos transitivos, o deslocamento do objeto para a posição inicial da oração implica o aparecimento de uma marca no verbo, o prefixo / -ku/, o que poderia lançar uma luz para que a autora percebesse que a partícula que segue o objeto deslocado ~~não era a mesma partícula~~ que segue a locução nominal em função de sujeito.

Conforme Guedes, há uma outra partícula, “-ta: *ocorre com orações descritivas e intransitivas*” (op. cit. p. 138). De fato, a partícula ra (~ ta), marca o sujeito em orações intransitivas, transitivas e também não verbais (cf.: Cap. 3, no presente trabalho). O elemento ta é uma variante da partícula ra, no contexto em que segue palavras terminadas por consoantes surdas, como pode ser atestado nos exemplos da própria autora (op. cit. p. 138).

Em outro momento, ela afirma que negação ·kere não ocorre com orações imperativas. Isto não corresponde a um fato em nossos dados, já que esta negação ocorre, também, com orações imperativas. Por outro lado, além da negação ·kere, há uma negação específica para uma modalidade de imperativo, o proibitivo, que é hwe'tʃi, tratada no presente trabalho.

1.4 Trabalho de Campo

Nosso primeiro contato, no Parque Indígena do Xingu-MT, com uma língua da Família Jê, foi com o Tapayúna, uma variante do Kîsêdjê, como integrante do Projeto de Descrição e Documentação de Línguas do Parque Indígena do Xingu, coordenado pela Prof^a. Lucy Seki. Infelizmente, por diversos motivos, fomos obrigados a abandonar o trabalho com essa língua, em fins de 1993. No entanto, por causa do trabalho iniciado com a língua Tapayúna, fomos convidados a atuar como docente no Primeiro Curso de Formação de Professores do Parque Indígena do Xingu, com a responsabilidade de atuar junto aos professores Kîsêdjê. Assim, tivemos o primeiro contato com estes professores em janeiro de 1994, data da realização do primeiro Curso. Neste Curso, como nos outros, o objetivo não era apenas a formação de professores, mas também a elaboração da ortografia da língua: iniciamos os estudos do Kîsêdjê para não só auxiliar na elaboração da ortografia, mas também trabalhar, junto aos professores, na elaboração de material didático para ser usado na escola. Nesta primeira oportunidade, um dos professores, Tempty Suyá (aproximadamente 25 anos), concordou em auxiliar-me no trabalho de análise da língua e tornou-se meu principal informante. Trabalhei, ainda, em oportunidades esparsas, com outros três informantes: Kaomi Suyá, com mais ou menos a mesma idade que Tempty; Kuyusi Suyá, cacique da aldeia Rikô (aproximadamente 50 anos), e Wetag Suyá (aproximadamente 50 anos).

Nosso “corpus” contém itens lexicais, construções gramaticais de diferentes tipos, mitos e textos produzidos por alunos e professores no decorrer dos Cursos. Estes dados foram coletados nas seguintes oportunidades:

— Em abril de 1994 recebemos, em nossa casa, durante 5 dias, Wetag. Nesta oportunidade, como tinha dados disponíveis sobre o Tapayúna, realizei algumas comparações coletando os mesmos dados que tinha desta língua também em Kîsêdjê.

— Em julho de 1994 permanecemos durante 15 dias na aldeia Rikô onde realizamos coleta de dados com Tempty e desenvolvemos atividades de acompanhamento do trabalho feito por este professor na escola.

— No mês de julho de 1994, Tempty passou 15 dias em nossa casa, onde trabalhamos na elaboração de material didático e realizamos coleta de dados.

— Em janeiro de 1996 permaneci durante 20 dias na aldeia Rikô, oportunidade em que, além da coleta de dados, pudemos também gravar, e posteriormente transcrever, com a ajuda de Tempty, um mito que nos foi narrado por Kuyusi.

— Nosso último contato para coleta de dados com Tempty foi em setembro de 1996, oportunidade que este informante ficou 15 dias hospedado em nossa casa. Durante os últimos 5 dias de sua estadia, pudemos contar com a presença da Professora Dr^a. Lucy Seki, que orientou e auxiliou na tarefa de coleta de dados.

Também tivemos contato com os professores durante os Cursos de Formação de Professores, organizados e financiados, até 1995, pela Associação Vida e Ambiente e, depois desta data, pelo Instituto Sócio Ambiental. Nestas

oportunidades, a coleta sistemática de dados não foi possível porque os trabalhos eram orientados para as necessidades dos professores, no que diz respeito ao seu desempenho em sala de aula, e para a correção e reelaboração dos materiais didáticos.

1.5 Metodologia

A teoria prevalecente, atualmente, tem como preocupação básica o desenvolvimento de um modelo explanatório integrado. Por isso, a pesquisa é centrada sobre construtos internos da teoria e dados são relevantes somente na medida que conduzem ao trabalho de construção e testagem do modelo. No entanto, optei por uma abordagem funcional-tipológica, que teve sua origem num importante movimento formado na primeira metade do séc. XX por Boas, Sapir e Bloomfield nos EUA e por estruturalistas europeus como Trubetzkoy e Jakobson. Atualmente, lingüistas como Comrie, Givón, Nichols e Woodbury atuam nessa linha de análise. O objetivo desse tipo de abordagem não é a elaboração de construtos teóricos ou analíticos, mas a análise de fenômenos lingüísticos considerados em seus próprios termos. Essa linha metodológica dá atenção a generalizações tipológicas e “*cross-linguistic*” (NICHOLS and WOODBURY, p. 2, 1985), aspectos fundamentais na descrição de línguas indígenas. Apesar de não relutar em fazer generalizações estruturais ou funcionais amplas, esta abordagem dá prioridade a generalizações mais concretas como primeiro passo essencial para o trabalho de lingüística descritiva.

Para a coleta de dados junto ao informante foram utilizadas técnicas e procedimentos expostos em obras como a de Samarin (SAMARIN, 1967), e Kibrik

(KIBRIK, 1977). Assim, a elicitación fez-se parcialmente através de questionários previamente elaborados, e também sob a forma de elicitación experimental. Kibrik coloca que no trabalho de campo com o informante

“... a native speaker (the informant) who is not the investigator is used as a “generator” of data on the target language. The informant serves as the basic investigative “tool” of the linguist, and when used wisely will provide the linguist with the facts about the target language that interest him. Here the informant is considered to be dependent on the investigator and rather than being an unregulated “generator” of data, he is a means of eliciting the kind of information the investigator has requested.”(KIBRIK, p. 4, 1977).

Entretanto, o papel do informante não se limita, necessariamente, a ser um fornecedor de dados habilmente elicitados pelo pesquisador, o que caracterizaria uma interação passiva por parte do informante. Entendemos essa interação como algo mais abrangente, isto é, o informante deve ser um interlocutor ativo no sentido de haver uma troca de informações úteis não só para o pesquisador, mas também para o informante, levando-o a não apenas falar sua língua, mas também, falar sobre ela. Dois exemplos talvez ilustrem melhor o que acabamos de colocar: i) Depois de explicar como se manifestam os tempos passado e futuro, em português, o informante associou tal distinção a um advérbio de sua língua: *aṛə*, que indica tempo não futuro; ii) Na abordagem de pronomes

inclusivos e exclusivos fiz várias tentativas de contextualização para a tomada segura dos dados pretendidos. No entanto, todas geravam alguma dúvida. A dificuldade foi superada a partir das explicações do tipo de dado que eu necessitava e da sugestão de uma atividade cênica. Meu informante (Tempty Suyá, Aldeia Ricô), encenou (de fato, teatralizou!), com a ajuda de dois outros índios, o uso de tais pronomes. Os dados assim obtidos são posteriormente cotejados com os mesmos dados encontrados em textos (mitos), coletados com vários indivíduos da aldeia. Há, é certo, uma maior demora nessa maneira de coleta de dados, mas essa demora é amplamente compensada pela certeza de dados confiáveis.

Ou seja, deve haver entre o informante e o lingüista um trabalho interativo, já que este precisa lidar com a intuição do informante, e não se limitar a coleta de dados a partir de questionários pré-estabelecidos.

1.6 Considerações sobre a Fonologia e Transcrição Utilizada

Não nos deteremos em descrever a fonologia² da língua porque não é um dos objetivos a que nos propomos neste trabalho. Limitamo-nos a apresentar o inventário dos fonemas da língua e informações sobre a realização fonética dos mesmos, tendo em vista esclarecer o tipo de transcrição utilizada na apresentação dos dados.

² Uma descrição preliminar da fonologia do Kísédjê foi elaborada por Guedes (GUEDES, 1993). Discordamos em alguns pontos, por exemplo, com relações às unidades fonológicas da língua, e, por isso, apresentamos os quadros de fonemas e o tipo de transcrição que adotamos no presente trabalho.

O sistema fonológico do Kîsêdjê tem doze fonemas consonantais, abaixo dispostos.

	bilabiais	alveolares	alveopalatal	velar
oclusivas	p	t	tʃ	k
nasais	m	n		ŋ
flape		r		
fricativas		s		h
semiconsoantes	w		y	

As oclusivas surdas têm alofones vozeados [b, d, g], e as nasais têm alofones pré-nasalizados [mb, nd, ŋg]. Há uma africada sonora [dʒ], bem como uma nasal palatal [ɲ], que foram por nós analisados como alofones de /y/: a primeira como alofone em variação livre, a segunda com alofone em distribuição complementar, ocorrendo em ambiente nasal. Esses alofones, com exceção de [b, d], vêm representados na transcrição ampla que adotamos pelos seguintes motivos: i) Não há certeza sobre o estatuto de vogais finais átonas que têm a mesma qualidade da vogal do radical, e que são eliminadas em final de algumas palavras e não em outras. Assim, palavras como [ˈhwere] “fazer”, perdem a vogal final quando algum elemento a segue: [ˈhwet mã] “fazer/fut”. Por outro lado, palavras como [ˈmbərə] “chorar”, não ocorrem sem a vogal final em contextos

idênticos àqueles em que a primeira palavra perde a vogal final: [ˈmbərə mã] “chorar/fut”. A motivação dessa diferença pode ser fonológica, mas pode também ser gramatical. Por isso, neste trabalho optamos por registrá-las e mantê-las na transcrição nos contextos em que elas estão presentes. Dado que a presença da vogal final implica uma sílaba átona extra, mantivemos a indicação da sílaba tônica. ii) Essas indicações registradas na transcrição ampla adotada podem servir de auxílio a outros lingüistas que queiram utilizar os dados do Kisêdjê aqui apresentados. iii) O tipo de transcrição adotado é bastante próximo à ortografia que vem sendo elaborada em conjunto com os professores Kisêdjê, o que facilitará o acesso desses professores a este trabalho.

O sistema vocálico do Kisêdjê tem dez vogais orais e seis nasais, conforme dispostas nos quadros abaixo.

Vogais Orais

	anteriores	central	posteriores	
			não arredondadas	arredondadas
altas	i		ɨ	u
médias	e		ə	o
	ɛ		ʌ	ɔ
baixas		a		

O fonema /ʌ/ não foi registrado por Guedes.

Vogais Nasais

	anteriores	central	posteriores	
			não arredondadas	arredondadas
altas	ĩ		ĩ	ũ
médias	ẽ			õ
baixas		ã		

Os símbolos utilizados nestes quadros serão aqueles usados no decorrer do trabalho.

2. CLASSES DE PALAVRAS

Esta seção é dedicada ao tratamento e determinação das classes de palavras em Kîsêdjê.

O estabelecimento das classes não constitui uma finalidade em si, mas um recurso para operar a descrição, particularmente importante no caso de línguas pouco ou nada estudadas.

Talvez não seja supérfluo observar que, embora as classes sejam designadas por termos tradicionais (Nome, Verbo, etc.), elas não são estabelecidas de antemão ou com base nas equivalências mais próximas da língua intermediária. A definição das classes se faz com base em critérios sintáticos, morfológicos, fonológicos e, de fato, não se faz separadamente da gramática da língua.

Em Kîsêdjê, distinguem-se pelo menos as seguintes classes de palavras:

Nome, Pronome, Demonstrativo, Adjetivo, Verbo, Advérbio, Posposição e Partícula.

2.1 Nome

Nomes são identificados por critérios sintáticos e morfológicos. Sintaticamente, ocorrem como núcleo da LN nas posições de sujeito e objeto de verbos. Ocorrem ainda como objeto de posposição em locuções posposicionais e como predicado de orações não verbais. Os seguintes dados exemplificam a ocorrência de Nome nas funções acima.

1. karu'pi ra 'ŋga mã 'tẽ

n. próp ms C. dos H. posp ir

"Karupi foi à Casa dos Homens"

2. hwĩsosoka'ndc ra ay- 'kwã s- a'rẽ

professor ms pl 3pl+posp rei ensinar/falar

"O professor está ensinando para eles"

3. hẽn 'wa a'rə sũ'mrõ 'ku

asp 1ps pass mutapi comer

"Eu comi mutapi"

4. ki'kre 'tũm ra 'sere

casa velho ms queimar

"A casa velha queimou"

Em 1 e 2 são exemplificadas locuções nominais na função de sujeito. Em 3, LN na função de objeto e, em 4, locução nominal cujo núcleo está sendo modificado por adjetivo. Ainda, no dado 1, há a ocorrência de nome como objeto de posposição.

Morfologicamente, elementos da classe Nome, em sua maioria com o traço [+humano], admitem um sufixo -ye que assinala o plural:

- | | | |
|----|-------------------|---------------------|
| 5. | 'ŋgwəy | 'ŋgwə -ye |
| | panela | panela pl |
| | "Panela" | "Panelas" |
| 6. | hwĩ sosoka'nde | hwĩ sosoka'nde -ye |
| | professor | professor pl |
| | "Professor" | "Professores" |
| 7. | 'kĩ 'sere | kĩ'sed -ye |
| | aldeia queimada | aldeia/queimada pl |
| | "Aldeia queimada" | "Aldeias queimadas" |
| 8. | ŋge'tũm | ŋge'tũm -ye |
| | avô | avô pl |
| | "Avô" | "Avós" |

9.

'pãmã

pai

"Pai"

'pãm -ye

pai pl

"Pais"
10.

i- kra'ndi

1ps/posse filha

"Minha filha"

i- kra'ndi -ye

1ps/posse filha pl

"Minhas filhas"

Os exemplos acima demonstram claramente a possibilidade de formação de plural por sufixação de -ye. No entanto, há nomes que não recebem o sufixo ye- e que aparentemente ocorrem numa forma neutra porque necessitam de um determinante, tǝ, que tem a função de particularizar o referente.

11.

i- mã 'tɛp 'ŋǝ

1ps posp peixe dar

"Ele deu peixe para mim"
12.

a- mã 'mbri tǝ 'kĩn da 'mba -n ɾɐ'ɾɐɾɐ

2ps posp bicho sing gostar ? entender ? colorir

"Pinte o bicho (um entre vários) que você acha mais bonito (instrução de exercício escolar acompanhado de desenhos)"

13. 'hẽn 'mẽ ra 'pøye

asp pessoal ms chegar

“O pessoal chegou”

14. ku'pẽ -n 'mẽ tẽ ra 'ŋgo

roupa top pessoal sing ms molhar

“Alguém molhou a roupa”

Por outro lado, há situações nitidamente correspondentes ao singular e ao plural em que o nome ocorre sem sufixo -ye e sem o morfema tẽ.

15. 'hẽn 'wa 'pen kaso'so

asp 1ps mangaba chupar

“Eu chupei mangaba / Eu chupei mangabas”

16. 'hẽn 'wa 'pen wĩti -n kaso'so

asp 1ps mangaba um (nº.) top chupar

“Eu chupei uma mangaba”

17. ki'kre ra 'sere

casa ms queimar

“A casa queimou / As casas queimaram

18. 'kĩ ra 'sct 'hwa

aldeia ms queimar completivo

“As aldeias (todas) foram queimadas”

Tais nomes dependem do contexto para serem interpretados como se referindo a um item individual ou a vários itens. Em 15, meu informante disse-me que “tanto faz”, i. e., é possível usar a oração quer se trate de uma ou muitas mangabas. Diante de minha insistência em saber uma forma que correspondesse ao singular, lançou mão de um numeral wĩti “um” (dado 16). Em 17 e 18, ocorreu algo semelhante, só que, nestes dados, Tempty usou a marca de completivo que, no contexto da oração acima, indica a totalidade dos itens.

Alguns nomes têm o sufixo -ye incorporado de tal forma que os considero, provisoriamente, como elementos cristalizados. Nestes casos, ocorre algo curioso e que precisa ser melhor investigado. Tais nomes são passíveis de coocorrer com tã, sendo particularizados quando o contexto o exige. Confirmam-se os exemplos abaixo.

19. mɛ'ndiye ra 'ŋgo kãm 'twə

mulheres ms rio posp banhar

“As mulheres banham no rio”

20. mɛ'ndiye tɔ̃ ra 'ŋgo kã̃m 'tɔ̃

mulher sing ms rio posp banhar

"A mulher banhou no rio"

21. kʌtɪ'reye ra ki'kre mã 'mɔ̃

crianças ms casa posp ir (pl)

"As crianças foram para casa"

22. kʌtɪ'reye tɔ̃ ra ki'kre mã 'tɛ̃

criança sing ms casa posp ir

"A criança foi para casa"

Nos dados 19 e 20, ocorre o nome mɛ'ndiye que é uma palavra composta de duas raízes nominais mais sufixo -ye (Cf. adiante o item 2.1.5). Caso seja necessário referir-se a apenas uma mulher é necessário o uso do determinante tɔ̃. O mesmo ocorre com a palavra mɛ'mbiye "homem". Essas duas palavras, com os significados indicados, são pouco usadas sem o formativo -ye, pois nesta situação têm um outro significado: mɛ'ndi "genitalha de mulher" e mɛ'mbi "genitalha de homem".

Confrontando-se os dados 19 e 20 com 21 e 22, percebe-se que nestes últimos o verbo aparece em sua forma plural ou singular, concordando, respectivamente, com o nome sem o determinante (21), e com o determinante

(22). Ou seja, as formas cristalizadas com o sufixo -ye comportam-se de modo semelhante às formas neutras (dados 15, 16, 17).

Guedes (GUEDES, 1993, p. 106), considera -ye um sufixo que marca o traço [+humano]. No entanto, a própria autora considera uma exceção, a palavra para “galo” que vem marcada com -ye e que, somada aos nossos dados 5 e 7 e às oposições em 6, 8, 9, e 10 tornam essa possibilidade improvável. Acresce que, se o sufixo -ye tivesse apenas essa função, seria necessário explicar em que situações um item com o traço [+humano] poderia ocorrer sem o formativo (cf.: 6, 9 e 10). É possível que a forma -ye represente de fato dois morfemas distintos, sendo um deles a marca de plural.

Por outro lado, ocorre-me que esse sistema assemelha-se a uma teia de relações pragmaticamente regidas que este trabalho apenas olhou de relance e que, com certeza, receberá olhar mais atento futuramente.

2.1.1 Categoria de Posse

Distinguem-se três subclasses de Nomes quanto ao parâmetro de posse, distinção esta que se manifesta morfológica e sintaticamente: (i) nomes não possuídos; (ii) nomes possuídos inalienavelmente; (iii) nomes possuídos alienavelmente.

Os nomes não possuídos não ocorrem como núcleo da locução genitiva, i. é., não são precedidos por elemento que manifesta o possuidor. A subclasse inclui termos referentes a fenômenos da natureza (ᑦᑎᑦᑦ “chuva”, ᑦᑎᑦᑦ “rio”), nomes de

pessoas (mɛˈndiye “mulher”, mɛˈmbiye “homem”), animais (ˈwɛrɛ “calango”, ˈdʒuni “beija-flor”) e plantas (ˈmbot “jatobá”, wʌˈsi “milho”).

Os nomes inalienáveis ocorrem necessariamente com um possuidor expresso e são determinados pela cultura de cada povo. Similarmente a outras línguas indígenas brasileiras, em Kîsêdjê são inalienáveis, principalmente, nomes para as partes do corpo humano, de animais e plantas (ˈkrɛ̃ “cabeça”, ˈara “asa”), e termos para relações de parentesco (ˈpam “pai”, ˈnã “mãe”).

Nomes alienáveis podem ocorrer sem possuidor expresso ou com possuidor. Aqui se incluem, entre outros, utensílios (kɛ̃nˈhɔ “prato”), armas (ˈkrwa “flecha”), e produtos de caça ou pesca (ˈtɛwɛ “peixe”, ˈmbri “bicho”).

2.1.2 Posse Inalienável

Os nomes inalienavelmente possuídos ocorrem com elementos pronominais da série II (cf.: 2.2), basicamente os mesmos que ocorrem nas posições de sujeito com verbo de forma A (extensa), de objeto de verbos e posposições.

Seguem, na página seguinte, exemplos de paradigmas com nomes inalienáveis:

	- 'nã "mãe"		- ay'kwa "boca"	
1ps	i	'nã	i	y ay'kwa
2ps	a	'nã		ŋ ay'kwa
3ps	ø	'nã		s ay'kwa
1pl	wa	'nã (ye)	wa	y ay'kwa
2pl	aya	'nã	ay	ŋ ay'kwa
3pl	ay	ø	ay	s ay'kwa
LN	kɔtɪɾɛy	'nã	kɔtɪɾɛye	y ay'kwa
	"menino"		"menino"	

Observa-se nos paradigmas acima que:

- i) As formas pronominais para a 2ª e 3ª pessoas do plural ocorrem com uma marca de plural ay-, acrescentada ao pronome do singular.
- ii) Os nomes inalienáveis, além do elemento que expressa o possuidor (pronome ou nome), coocorrem com um prefixo, o relacional {y-} (RODRIGUES, s.d), nas situações em que o possuidor de 1ª ou 2ª pessoa, ou ainda de 3ª pessoa expresso por nominal está contíguo.
- iii) O pronome de 2ª pessoa a-, mais o relacional y- são substituídos por ŋ-.
- iv) No caso do nominal -'nã, o relacional não ocorre, ou seja, é zero.
- v) O possuidor de 3ª pessoa pode ser codificado somente por prefixo:

Ao discutir o morfema de posse alienável, Marília Borges (BORGES, 1995, pp. 45-47), questiona sua forma: ʌ ou $\text{j}\tilde{\text{o}}$? Pelos dados em 27 e 28 podemos corroborar a decisão da autora, que considera a primeira como a forma do morfema. Além disso, ela coloca que a nasal palatal pode ser o resultado de processo de nasalização do relacional y- condicionado pelo morfema $\text{-}\tilde{\text{o}}$. Novamente, os dados da língua que descrevemos levam à mesma conclusão. O morfema ʌ ocorre isolado em nossos dados (cf. 31), além disso, é clara a segmentação a partir os dados já vistos, somados aos seguintes:

29. $\text{'h}\tilde{\text{e}}\text{n}$ 'wa $\text{'kw}\tilde{\text{a}}$ s- $\tilde{\text{o}}$ $\text{'t}\tilde{\text{e}}\text{p}$ $\text{ku's}\tilde{\text{o}}$

asp 1ps 3ps/para nc posse peixe limpar

“Eu limpei o peixe dele para ele”

30. $\text{k}\tilde{\text{o}}\text{k}\tilde{\text{o}}\text{wiri't}\tilde{\text{f}}\text{i}$ $\text{j}\text{-}$ $\tilde{\text{o}}\text{-}$ $\text{'t}\tilde{\text{e}}\text{p}$ na wa $\text{ku's}\tilde{\text{o}}$

nome próprio rel posse peixe top 1ps limpar

“Eu limpei o peixe de $\text{k}\tilde{\text{o}}\text{k}\tilde{\text{o}}\text{wiritxi}$ ”

31. i'ta $\text{j}\text{-}$ $\tilde{\text{o}}$

3ps rel posse

“Pertence dele”

Assim, fica claro que a posse de uma classe de nomes alienáveis é expressa por construção com o morfema de posse $\tilde{\text{o}}$. O relacional y- somente

ocorre se houver nome ou pronome de 1ª ou 2ª contíguo. Os dados 29 e 30 ilustram esta distribuição. Em 29, o possuidor de 3ª pessoa é marcado pelo prefixo s-, não há nominal contíguo ('kwã é uma realização da sequência ku "3ps" + "mã "posp"), e em 30 o nominal está contíguo, por isso ocorre o relacional y-.

Não consideramos o morfema de posse um pronome porque tal elemento é despido de qualquer significado que o relacione diretamente a uma das pessoas do discurso. É necessário acrescentar-lhe uma forma pronominal para que isso ocorra. Finalmente, a posição na qual o morfema ocorre é avessa à dos pronomes, ou seja, ocorre seguindo o nome possuidor quando todos os outros pronomes de posse ocorrem antes do nome possuidor. De fato, o morfema comporta-se como um nome inalienavelmente possuído.

2.1.4 Prefixos Relacionais

Devemos, agora, retornar ao elemento relacional, de que já falamos rapidamente, para esclarecer alguns pontos. Em primeiro lugar, abordaremos o que, aparentemente, pode ser considerado um desvio à regra de contigüidade para a ocorrência do relacional. Refiro-me às expressões com marca de não contigüidade como no dado 27. Se s- for considerado um pronome de terceira pessoa, como os dados parecem sugerir, a regra de contigüidade do relacional não seria válida para as construções onde considerássemos s- como pronome de terceira pessoa, ou seja, não seria possível explicar porque o relacional não ocorre nessas construções já que haveria um pronome contíguo. Além disso, esta marca ocorre também em verbos em situação idêntica à dos nomes, isto é, quando o

objeto de 3ª pessoa não está contíguo ou está ausente, o verbo recebe esta mesma marca entre outras. Assim, é de que s- não deve ser considerado pronome de terceira pessoa, mas deve, por outro lado, ser entendido como um relacional que marca a 3ª pessoa. Esta posição é similar ao que Seki (SEKI,1990), considera para o Kamaiurá.

Em segundo lugar, há ainda outros relacionais que ocorrem com nomes. Confira os dados abaixo:

i-	t- wa	's-	wa
1ps/posse rel	dente	rel3	dente
"Meu dente"		"Dente dele"	

Assim, os diferentes relacionais provêem uma divisão dos nomes inalienáveis em subclasses, conforme se resume no quadro abaixo.

Classe	1	2	3
contíguo	y	t	ø
não contíguo	s	s	ø

Desse modo, nomes alienáveis não admitem diretamente o prefixo relacional ou pronomes. A posse em relação a esses nomes exprime-se via construções da forma:

(X) REL -õ N

em que X é pronome de 1ª ou 2ª pessoa, ou um nominal, REL é o relacional y- (se X está presente), ou é o relacional s-; -õ “posse, pertence”, é um nome inalienável genérico e N um nome alienável em aposição.

2.1.5 Formação de Nomes

A possibilidade de vários elementos se juntarem para formar palavras é um processo bastante comum e muito produtivo na língua, principalmente para incorporar a ela novos conceitos.

No trabalho de formação de Professores que realizamos no Parque Indígena do Xingu, participamos de momentos interessantíssimos quando os Professores discutiam algum conceito para o qual não havia palavra correspondente na língua. Como há uma evitação deliberada em trazer empréstimos para a língua, o resultado dessas discussões era sempre a criação de uma nova palavra. Algumas dessas palavras serão aqui tomadas como exemplos.

Nomes podem ser constituídos de uma única raiz como, por exemplo, 'mbri “bicho”, turte “arco”, tu're “pai”, s- a'ra “pena”, 'rowo “onça”, ku'kriri “anta”, ou pela combinação de raízes: nome + nome, nome+ adjetivo, nome + verbo, nome + negação, podendo ainda a composição ser mista.

Nome + Nome

32.

'hwĩ

+

'kλ

pau/árvore

casca

hwĩ'kλ

"Canoa"
33.

'krwa

+

'si

flecha

semente

krwa'si

"Bala (munição)"
34.

'sλkλ

+

'krã

+

'si

pássaro

cabeça

semente

sλkrã'si

"Galinha"
- Em 32 e 33 a relação entre as raízes é a mesma que ocorre em construções genitivas, ou seja, 'kλ e 'si ocupam o núcleo da expressão: "casca de pau" e "semente de flecha", respectivamente. Em 34, "semente" é o núcleo da construção "cabeça de semente". Esta, por sua vez, funciona como modificador de "pássaro", resultando em "pássaro com cabeça de semente".
- Nome + Adjetivo
35.

'rɔwo

ka'sλgλ

onça

feio/estragado

rɔpka'sλgλ

"Cachorro"

36.

'ŋgere

+

'tũmũ

tio

velho

ŋgetũmũ

“Avô”

37.

ˈmbɾi

+

ˈtʃi

bicho

grande

mbɾiˈtʃi

“Cavalo”

Nome + Verbo

38.

ˈkî

+

ˈsere

+

-ye

aldeia

queimar

pl

kîˈsedʒe

“Auto-denominação (aldeias queimadas)”

39.

hwĩˈ-so

+

ˈsogo

folha

pintar

hwĩsoˈsogo

“Escrever ou folha de papel sulfite”

40.

ˈmbɪɾi

+

ˈrwə

sol

descer

mbɪɾiˈrwə

“Lua”

Nome + Negação

41.

kuˈtə

+

ˈkere

cheiro

negação

kuˈtəˈkere

“Japonês”

Composição Mista

42. 'hwĩ -'so + 'sogo + kan'de hwĩ sosoka'nde
 folha pintar dono "Professor"

43. 'mbri + y- a'riri + ka'nde mbriyaritka'nde
 bicho rel procurar dono "Caçador"

Nomes que indicam "lugar em que" ou instrumento são derivados com o acréscimo do formativo tɿ.

44. hwĩ sosok -'tɿ
 papel formativo
 "Escola"

45. 'ŋgo -'tɿ
 água formativo
 "recepiente para transporte de água"

46. ŋgo ren -'tɿ
 água atravessar formativo
 "Remo"

47 wa -kuru -'tʌ

1pli/posse urina formativo

“(nosso) Canal urinário”

Um dos critérios que usamos para distinguir os compostos de locuções é a anexação, ao composto, do sufixo de plural que, tanto no dado 42 quanto no 43, faz-se pelo acréscimo do -ye ao último elemento da construção. Um outro critério, é o fato de essas formas aglutinadas terem uma só sílaba tônica; as sílabas tônicas dos elementos que compõe a palavra têm sua intensidade levemente menor, ou seja, são subtônicas.

2.2 Pronome

Os pronomes formam uma classe fechada de elementos que preenchem funções similares as dos Nomes, mas que apresentam características próprias. Pronomes não são possuíveis e não podem ocorrer como núcleo de LN possessiva.

Distinguem-se quatro séries de elementos pronominais em Kîsêdjê: I, II, III e IV. De modo geral, todas incluem as seguintes distinções de pessoa: 1 (falante), 2 (ouvinte), 1+2 (falante e ouvinte) e 3 (não falante e não ouvinte). As séries II e IV têm formas distintas para o singular e o plural. As séries I e III incluem formas paucais.

Os quadros a seguir reúnem os pronomes das quatro séries.

Série I (SI)

	SINGULAR	PAUCAL	PLURAL
1	wa	way	aypa
2	ka	kay	ayka
1+2	ku	kupa ou 'wa	
3	ø	ay, ayta	

Série II (SII)

1	i-	adzi-
2	a-	aya-
1+2	kwa-	wa-
3	ø	ø

Série III (SIII)

1	ire-	irey	adzire
2	kare-	karey	
1+2	ware-	kware	warey
3	kore-	korey	

Série IV (SIV)

1	·pa	ay·pa
2	·ka	ay·ka
1+2	ku·pa	
3	·ta, (i'ta, a'ta, ni'ra)	ay'ta, (i'taye, nira'ye)

Na marcação de pessoa ainda estão envolvidos os prefixos relacionais (cf.: 2.1.4)

2.2.1 Pronomes da SI

Os pronomes da SI são usados para assinalar o sujeito de verbos intransitivos ativos e transitivos em construções em que estes aparecem na forma curta e na forma longa. Esta série inclui formas para o singular, o paucal e o plural.

Há duas formas para a primeira pessoa do singular (1ps): ·wa / ·pa. A segunda ocorre como elemento topicalizado em construções enfáticas (que abordaremos mais adiante) e isoladamente, em resposta a perguntas do tipo: “Quem dançou?”, cuja resposta deve ser ·pa (eu) e não ·wa (eu). A segunda pessoa do singular (2ps) realiza-se por ·ka. A forma ·ku, considerada também singular, refere-se a 1 + 2. A terceira pessoa do singular realiza-se por zero. Ocorre ainda o pronome de terceira pessoa ·ta, porém, raramente, tendo sido registrado somente na função de sujeito. É possível que, como em Caiapó, seja

uma forma reflexiva de 3p (BORGES, 1995, p. 14). Não foi possível precisar-lhe a função com relação às outras três formas de 3p.

Vejamos os exemplos referentes aos pronomes do singular.

48. ʔwa ʔŋgrɛ

 1ps dançar

 “Eu dancei”

48b. ʔhɛ̃n ʔwa ʔtwə

 asp 1ps banhar

 “Eu banhei”

48c. hɛ̃n ʔwa hwĩʔŋgrɔ y- aʔnto

 asp 1ps lenha rel pendurar

 “Eu pendurei a lenha”

48d. ʔhɛ̃n ʔwa hwĩʔsɪ ʔre

 asp 1ps fruta colher

 “Eu colhi fruta”

49a. ʔka ʔŋgrɛ

 2ps dançar

 “Você dançou”

49b. ʔhẽn ʔka ʔtwə

asp 2ps banhar

“Você banhou”

49c. ʔka -n ʔka aʔni kaʔke

2ps top 2ps reflex. arranhar (com unha)

“Você se arranhou”

49d. turte -n ʔka ku- ʔpi

arco top 2ps obj. pegar

“Você pegou o arco”

50a. ʔhẽn ʔku ʔmõ

asp dl andar

“Nós estamos andando”

50b. ʔku ʔŋgrɛ

1+2 dançar

“Nós dançamos”

51a. ʔnira -n ʔŋgrɛ ou iʔta -n ʔŋgrɛ ou ø ʔŋgrɛ

3ps top dançar 3ps top dançar 3ps dançar

“Ele dançou”

51b. 'ta -n a'ji ka'ke

3ps top reflex. arranhar

“Ele se arranhou”

51c. 'nira -n mirtʃi 'pĩ

3ps top jacaré matar

“Ele matou jacaré”

O conjunto de dados 48, 49, e 51 demonstram a possibilidade de ocorrência dos pronomes do singular em orações intransitivas e transitivas. O conjunto 50, somente tem orações intransitivas.

As primeira e segunda pessoas têm formas que interpretamos como pauciais (pc). Os pronomes 'wa e 'ka são acrescidos do sufixo -ay, que por assimilação total da vogal resulta nas formas 'way ('wa + -ay), primeira pessoa do paucal e; 'kay ('ka + -ay), segunda pessoa paucal, que não estão condicionadas pela forma do verbo. O elemento 1+2 não tem uma forma que corresponda, exclusivamente, ao paucal. Há, no entanto, o pronome ku'pa “inclusivo” que ocorre referindo-se a duas, quatro, oito ou muitas pessoas. A terceira pessoa não singular é realizada por ay- (ay\ + ø), ou ay'ta. Pronomes de terceira pessoa não apresentam oposição entre paucal e plural.

52a. 'way tu'te 'pi

1 pc arco pegar

"nós pegamos o arco"

52b. wə'tən 'kay s- î'hwet rə 'ta

interrog. 2pc rel fazer posp verbo posicional

"O que vocês estão fazendo aí"

As formas do plural são: ay'pa "primeira pessoa do plural exclusiva"; ay'ka "segunda pessoa do plural"; ku'pa ou 'wa, ambas, aparentemente, "primeira pessoa do plural inclusiva"; ay'ta "terceira pessoa do plural. Com exceção das primeiras pessoas do plural inclusivas, as outras são formadas pelo acréscimo de prefixo de plural às pessoas do singular, [prefixo de plural + pronome].

53. ay'pa -n 'wa a'rə ay- t'hẽ

1ple top 1ps pass pl. ir

"Nós fomos"

54. ay'ka -n 'ŋgrɛ

2pl top dançar

"Vocês dançam"

55. ku'pa -n 'ku a'rə 'tẽ

1pli top 1+2 pass ir

“Nós fomos”

56a. 'ta -n ay- s- ɔ'mũ

3ps top pl rel3 ver

“Ele os vê”

56b. ay'ta ra ku- 'mba

3pl ms obj medo

“Eles o temem”

2.2.2 Pronomes da Série II

Os pronomes da SII ocorrem (i) como objeto de verbos transitivos em forma longa (FA), ou curta (FB); (ii) como sujeito de verbos intransitivos ativos em FA (em concordância) e de intransitivos estativos. Esses pronomes são também usados para codificar o possuidor junto a nomes (cf.: 2.1.2) e o objeto de posições (cf. 2.7). Há formas para o singular e o não singular.

São os seguintes os pronomes do singular: i-, 1ps; a-, 2ps; 'kwa, 1+2; 'nira, ø, terceira pessoa do singular. Seguem exemplos:

Como sujeito de verbo intransitivo em FA.

57. i- 'ŋgere mā

1ps dançar fut.

“Eu dançarei”

58. hwa'raro i- 'ŋgere 'kere

ontem 1ps dançar negação

“Ontem eu não dancei”

59. 'hēn 'kwa 'ŋgere ro 'ta

asp 1+2 dançar posp verbo posicional

“Nós estamos dançando”

60. ø 'ŋgere 'kere

3ps dançar negação

“Ele não dançou”

Como objeto de verbos transitivos em FA

61. 'ka -n ka i- mū

2ps top 2ps 1ps ver

“Você que me viu”

62. 'pa -n 'wa a- mũ

1ps top 1ps 2ps ver

"Eu que te vi"

63. 'pa -n 'wa s- ã'mũ

1ps top 1ps rel3 ver

"Eu que o vi"

64. i'ta ra wa- 'mũ

3ps ms 1pli ver

"Ele nos viu"

Com objeto de verbos transitivos em FB

65. i'ta ra i- 'pĩ

3ps ms 1ps matar

"Ele me matou"

66. 'ka i- 'pĩ

2ps 1ps matar

"Você me matou"

67. 'pa -n 'wa ku- 'pĩ

1ps top 1ps 1+2 matar

"Você nos matou"

Com sujeito de verbos descritivos

68. 'pa -n 'wa i- 'tiktʃi

1ps top 1ps 1ps muito sujo

"Eu estou muito sujo"

69. 'ka -n 'ka a- 'tiktʃi

2ps top 2ps 2ps muito sujo

"Você está muito sujo"

70. ku'pa -n 'ku wa- 'tiktʃi

1pli top 1+2 1pli muito sujo

"Nós estamos muito sujos"

71. 'nira -n ø- 'tiktʃi

3ps top 3ps muito sujo

"Ele está muito sujo"

Como mostram os exemplos, o pronome da série SII marca a concordância com sujeito expresso por pronome da SI fora do verbo.

Os pronomes do plural são: adzi- “primeira pessoa do plural exclusiva”; aya “segunda pessoa do plural”; wa- “primeira pessoa do plural inclusiva”; ay- “terceira pessoa do plural”. Essas formas resultam da prefixação da marca de plural ay- às formas do singular, com exceção da 1ª pessoa inclusiva: ay + i > adzi; ay + a > aya; ay + ø > ay.

72. adzi- 'ŋgere 'kere

1pc dançar neg

“Nós (eu + 1) não dançamos”

73. a'ya 'ŋgere 'kere

2pc dançar neg

“Vocês não dançaram”

74. 'wa 'thēm mã

1plg ir fut

“Nós vamos”

75. ay- ø- 'mbərə mã

pl 3pl chorar fut

“Eles choraram”

2.2.3 Pronomes da Série III

Os pronomes da SIII incluem distintas formas para o singular e não singular, com uma forma paucal (?), somente para a 1ª pessoa. Estes pronomes são formados pelo acréscimo do morfema *re* a formas da SII e da SI, com formas específicas, *ko're*, *'kot* para a 3ª pessoa. As formas não singulares resultam da sufixação de *-ay* “plural”, às formas correspondentes do singular: *i're* + *ay* > *i'rey*; *ka're* + *ay* > *ka'rey*.

Os pronomes da SIII são usados, basicamente, para codificar o sujeito de verbos transitivos em construção com a FA.

76. *i- 're hwĩ'ŋgrɔ y- a'ntoro 'kere*

1ps ms lenha rel pendurar neg

“Eu não pendurei a lenha”

77. *i- 're hwĩ'si 'ren mã*

1ps ms fruta colher posp

“Eu vou colher fruta”

78. *kurte agatʃi ɲi a- t'hẽm mã*

int. amanhã loc 2ps ir posp

“Você vai embora amanhã?”

Os pronomes da SIII foram, ainda, registrados em algumas sentenças intransitivas.

79. 'pa -n 'wa i're akatʃi ɲi 'ŋgo kot i- tẽm mã
 1ps top 1ps 1ps amanhã loc rio posp 1ps ir fut
 “Amanhã eu vou pescar”

80. ka're i'tay ɲõn 'kere
 2ps aqui dormir negação
 “Você não dorme aqui”

81. i're hwĩso'sok mã i tẽm mã
 1ps escola posp 1ps ir fut
 “Eu vou para a escola”

Também nestas construções os pronomes da SIII aparecem em contexto de futuro, progressivo e negação.

Não consideramos, aqui, o formativo *re* como um elemento separado porque o mesmo não foi registrado com nomes em orações independentes da língua.

2.2.4 Pronomes da Série IV

Os pronomes da série IV distinguem-se dos demais porque participam em construções enfáticas como elemento topicalizado (cf. adiante), e ocorrem isoladamente, como nos exemplos que seguem.

82. ku'tɛ 'ka

int 2ps

“É você?”

83. ku'tɛ ay'ka

int 2pl

“São vocês?”

84. ku'tɛ ku'pa

int 1pli

“Somos nós?”

2.2.5 Construção com Pronomes Topicalizados

Em Kîsêdjê são comuns construções em que um pronome é topicalizado, ocorrendo à esquerda da partícula n(a) “tópico”, aparecendo também em sua posição usual.

85. 'pa -n 'wa 'ŋgrɛ
 1ps top 1ps dançar
 “Eu dancei”

86. ka -n 'ka 'ŋgrɛ
 2ps top 2ps dançar
 “Você dançou”

Em construções com FA de verbos intransitivos, estes recebem ainda marcadores de pessoa da SII.

87. ay'ka -n 'ka aya- 'ŋgere 'kere
 2pl top 2ps 2pl dançar neg
 “Vocês não dançaram”

88. 'ka -n 'ka a- 't^hẽm mã
 2ps top 2ps 2ps ir posp
 “Você que vai embora”

89. ay'pa -n wa adzi- 'ŋgere rɔ 'ta
 1ple top 1ps 1ple dançar posp verbo posicional
 “Nós é que estamos dançando”

90. ku'pan ku wa- t^hẽm mã
 1pli 1+2 1pli ir para
 “Nós que vamos”

Observe-se que há uma concordância obrigatória quanto à categoria de pessoa. Contudo, pronomes do plural topicalizados coocorrem com pronomes do singular, sendo a concordância em número assinalada pelo marcador de pessoa junto ao verbo.

Assim, a concordância se realiza com os verbos de FA (dados 87, 88). Em 89, o prefixo no verbo restabelece o vínculo com a primeira pessoa do plural exclusiva. Em 90, o traço de inclusão é restabelecido no verbo pelo pronome 'wa.

Tínhamos uma dúvida ao considerarmos como sendo do singular a forma que segue o pronome topicalizado do plural. Para ay'ka e ku'pa não havia problemas porque é nítido o uso da forma singular. No entanto, para ay'pa havia a possibilidade de a construção ser constituída por dois pronomes do plural, já que a mesma forma 'wa tem duas funções distintas: 'wa “1ª pessoa do singular e; 'wa “1ª pessoa do plural inclusiva”. O que nos levou a postular que se trata de 1ª p. do sing. foi a simetria semântica entre as duas pessoas do singular e as duas do plural. Não poderia ser com a primeira pessoa do plural inclusiva (wa-), pois estaria sendo violada a concordância quanto ao traço [+inclusivo]; a primeira pessoa do plural inclusiva entra em construção com a forma que corresponde a 1+2, mantendo, desse modo, a concordância quanto ao referido traço.

A comparação do sistema pronominal do Kîsêdjê com o de outras línguas da mesma família, como o Kaiapó (JEFFERSON, 1974), mostra que as maiores diferenças envolvem formas do paucal e do plural. No entanto, na totalidade de nossos dados, não há evidências que indiquem a simetria entre paucal e plural para SII e SIII.

Assim, há necessidade de se efetuar investigação específica para se estabelecer, de modo conclusivo, a relação entre dual, paucal e plural.

2.3 Demonstrativo

Os demonstrativos constituem uma classe fechada de elementos que ainda demandam investigação mais detalhada. Os demonstrativos refletem diferentes graus de proximidade em relação ao falante e ao ouvinte.

Do mesmo modo que os nomes, os demonstrativos têm formas plurais assinaladas pelo morfema -ye. O demonstrativo ta, ao ocorrer como pronome de 3ª pessoa, é prefixado por ay- (dado 50).

Os demonstrativos, identificados até o momento, são os seguintes.

Singular	Plural	Relação de Proximidade
i- 'ta	i- 'ta -ye	próximo ao falante
a- 'ta	a- 'ta -ye	próximo ao ouvinte
'nira	nira -ye	afastado do falante e do ouvinte

Os demonstrativos são usados como nomes em função de sujeito e objeto, como modificadores de nomes e como predicados em orações não verbais. Seguem exemplos que ilustram essas ocorrências.

91. i'ta ra 'tʃi ku'meni

3ps(este) ms grande muito

"Ele é muito grande"

92. ku'pa -n 'ku nira'ye ti'tik

1pli top 1+2 neles(aqueles) bater

"Nós batemos neles"

93. hwĩ'rã i'ta

flor esta

"Esta flor"

94. mɛ'ndiye 'nira 'kwe i'ta 'hrõ

mulher aquela cóp deste esposa

"Aquela mulher é esposa deste"

95. li'ana -n a'ta

n. próprio top essa

“Essa é Liana”

96. 'kʌp na 'nira

borduna top aquilo

“Aquilo é borduna”

2.4 Adjetivo

Givón adverte que adjetivos quedam semanticamente entre nomes e verbos e que não é surpreendente que se inclinem a exibir características morfológicas intermediárias de uma e outra classes (GIVÓN, 1984, p.74). De fato, é justamente a nível morfológico que há as maiores diferenças e semelhanças entre adjetivos e nomes, de um lado, e adjetivos e verbos de outro.

Os adjetivos recebem os elementos pronominais da SII, que ocorrem também codificando o possuidor junto a nomes, o sujeito, com verbos em forma longa, e o objeto de verbos e posposições.

Sintaticamente, os adjetivos ocorrem como modificadores de nomes na LN (cf. 97), e como predicado (98). São também modificados por advérbios (cf. 98).

97. ki'kre 'tūm ra 'sere
 casa velho ms queimar
 "A casa velha queimou"

98. i'ta ra 'krək ku'meni
 dem ms fedido muito
 "Ele está muito fedido"

Em 97, os adjetivos modificam o núcleo do constituinte nominal. Em 98, o adjetivo está modificado por advérbio.

99. ka'rõ ra 'rĩe
 sombra ms comprida
 "A sombra é comprida"

100. hwĩ'so ra ŋgra'ŋgran
 folha ms amarelo/amarelar
 "A folha amarelou"

101. ku'kwəy ra 'mberi
 macaco ms bonito
 "O macaco é bonito"

102. pi'reye tã mbe'tʃi ra 'hrõn 'mberi

meninas sing bonito ms correr bem

"A menina bonita correu bem"

Os dados 99 e 101 demonstram o adjetivo funcionando como predicado. No dado 102, há duas ocorrências do mesmo item: como adjetivo, modificando o núcleo do constituinte nominal e como advérbio, modificando o núcleo do constituinte verbal. A diferença de função entre uma e outra ocorrências é assinalada pela relação sintática que estabelecem com o núcleo do constituinte.

Abaixo expomos exemplos que demonstram a possibilidade de o adjetivo funcionar como predicado, com flexão de pessoa.

O primeiro diálogo é uma brincadeira que Tempty, meu professor de Kîsêdjê, fez comigo, em que importa o dado 103. A revista que ele estava vendo continha fotos de mulheres nuas, daí sua resposta quando eu pedi para vê-la:

– 'tɒ nɛ ku sã 'mũ "Mostre isso!" (Ludoviko)

– 'kere "Não" (Tempty)

– ku'tɛni "Por quê?" (Ludoviko)

103. – a- 'sĩɾɛ "Você é pequeno" (Tempty)

2ps pequeno

O segundo diálogo foi solicitado a Tempty pela Prof^a. Dr^a. Lucy Seki a fim de saber como comportar-se quando visitasse a aldeia Rikô. Importam os dados 9, 104 - 105 e 106:

– kur'ten 'ka 'pəye "Você chegou?" (Tempty)

– 'hã, 'hẽn 'wa 'pəye "Cheguei" (Seki)

104. – a- 'mbetʃi "você está bem?" (Tempty)

2ps bom

105. – i- 'mbetʃi 'nẽĩĩ 'ka ra a- 'mbetʃi "Eu estou bem, e você está bem?" (Seki)

1ps bom marca disc. 2ps ms 2ps bom

106. – 'hã, i- mbetʃi

1ps bom

"Sim, eu estou bem" (Tempty)

Os dados demonstram o uso de adjetivos em função típica de verbos. Comparem-se os exemplos acima com os seguintes, contendo verbos em FA:

107. i- 'ŋgere 'kere

1ps dançar negação

"Eu não danço"

108. a- 'mbərə 'kere

2ps chorar negação

"Você não chora"

Entre os adjetivos incluem-se elementos pertencentes às sete classes semânticas propostas por Dixon (DIXON, 1982):

Cor: 'ndɛptʃi "vermelho", 'tiktʃi "preto";

Dimensão: 'tʃi "grande", 'sĩɾɛ "pequeno";

Propriedade Física: ka'ŋro "quente", 'kri "frio";

Idade: 'tũm "velho", 'ndip "novo";

Propensão Humana: 'kĩni "alegre", ka'hrĩ "triste";

Velocidade: ndɔ'rin "apressado";

Valor: 'mbɛtʃi "bom, bonito", ka'sʌgʌ "feio".

Como mostram os exemplos, nos adjetivos é frequente a presença do formativo átono tʃi "intensificador (?)"

2.5 Verbo

O verbo funciona prototipicamente como predicado. Ocorre com pronomes das SI e SII, que codificam, respectivamente, o sujeito e o objeto (se presente), e está associado às categorias de tempo, aspecto e modo (TAM).

Há duas classes básicas de verbos: os transitivos e os intransitivos, que se distinguem pelos tipos de argumentos que admitem e pelas formas pronominais com que ocorrem.

Como em outras línguas da Família Jê (Canela, Kayapo), em Kísêdjê a maioria dos verbos ocorrem em diferentes formas.

2.5.1 Formas do Verbo

Os verbos da língua se agrupam em dois tipos: verbos com duas formas, a que nos referiremos como forma FA e forma FB e, aqueles, em menor número, que não sofrem alteração, apresentando-se em forma única. Entre estes últimos incluem-se: *ˈmbərə* “chorar”, *ˈtãmä* “cair”, *kurˈtə* “cheirar, sentir cheiro”, *ˈhrãmä* “ter fome”.

Os verbos em FA ocorrem (i) com a negação; (ii) em construções com *mã* (futuro), e; (iii) no aspecto progressivo. A FB é usada em construções não negativas, não futuras e não progressivas. Verbos de forma única são encontrados em ambos os contextos acima:

109. i- 'ŋgɛrɛ 'kɛrɛ

1ps dançar negação

"Eu não dancei"

110. 'wa 'ŋgɛrɛ

1ps dançar

"Eu dancei"

111. ('pa -n 'wa) i- 'mbərə 'kɛrɛ (contexto de FA)

1ps top 1ps 1ps chorar negação

"Eu não chorei"

112. ('pa -n 'wa) i- 'mbərə (contexto de FB)

1ps top 1ps 1ps chorar

"Eu chorei"

Com exceção dos verbos acima mencionados, que não sofrem alteração na forma, os verbos em FA têm as seguintes diferenças em relação à FB:

a) Presença de (y)

'mba - mbay "ouvir, entender"

tʌ'tɔ - tʌ'tɔy "experimental"

·hwa - ·hway "matar"

b) Presença de (n)

ka'ho - ka'hon "capinar"

·pe - ·pen "arranhar"

·re - ·ren "atravessar"

s- a're - s- a'ren "contar"

c) Pela presença de (m)

·tẽ - ·tẽm "ir"

·kõ - ·kõm "beber"

d) Pela presença de (k)

ˈrwə - ˈrwək “descer”

ˈti - ˈtik “morrer”

e) Pela presença de uma sílaba tipo RV, em que a vogal tem a mesma qualidade da vogal da raiz:

ˈpi - ˈpiri “subir”

ˈre - ˈrere “nadar”

ˈhrɛ - ˈhrɛrɛ “emagrecer”

ˈpi - ˈpiri “pegar”

ˈtwə - ˈtwərə “banhar”

ˈtʌ - ˈtʌrʌ “afundar”

f) Alguns verbos apresentam formas supletivas que ocorrem nos contextos de FA e FB. Respectivamente, temos:

ˈpot (no contexto de FA) - ˈpəy (no contexto de FB) “chegar”

ˈõrõ (no contexto de FA) - ˈɲõ (no contexto de FB) “dar”

À primeira vista somos inclinados a pensar que as formas verbais diferentes devem-se apenas ao condicionamento do ambiente. Mas pode não ser verdade.

Além de ocorrer nos contextos mencionados, a FA dos verbos é também usada em funções nominais. Considerem-se os seguintes dados:

113. ˈhẽn ˈwa ˈnõ

asp 1ps deitar

“Eu deitei”

114. ˈbiãka ra ˈnõrõ ˈkere

ms deitar negação

“Bianka não deitou

115. ˈwa- ˈnõrõ ra ˈmbetʃi

1p I deitar ms bonito

“Nosso deitar é bonito”

116. i- nōrō

1ps deitar

“Meu deitar”

117. li'ana ra 'tẽ

ms ir

“Liana foi”

118. li'ana ra 'tẽm mã

ms ir fut

“Liana vai”

119. li'ana 'tẽmẽ

ida

“A ida da Liana”

O dado 119, não poderia ser interpretado como “Liana foi” porque em tal caso a construção seria li'ana ra 'tẽ.

O conjunto de dados 113 - 119 demonstram que, na forma nominalizada, o verbo não se submete ao condicionamento que lhe é característico.

Assim, acreditamos que seja possível tomar os verbos de forma longa de outro ponto de vista, ou seja, como nomes. Abordando os verbos desse modo, talvez seja possível entender-se melhor as diversas funções das posposições da língua. Retomemos alguns dados para exemplificação.

120. 'hɛn 'wa a'dʒi- 'mbərə rɔ 'ɲĩ

asp 1pl 1pl chorar posp verbo pos.

“Nós estamos chorando”

Acompanhado de posposição o verbo poderia estar em sua forma não finita, ou seja, nominal. Assim, o prefixo poderia ser considerado de posse e a oração acima teria, aproximadamente, o seguinte significado: “Nós sentados com o nosso choro”, que é fundamentalmente igual a “Nós estamos chorando”. Vejamos outro exemplo:

121. kʌtɪɾɛye ra aykrɔka'tsi kām na 'pa

crianças ms brincar posp top verbo posicionai

“Crianças brincam sempre”

Com o mesmo raciocínio anterior a oração acima poderia ser melhor expressa em Português como: “As crianças permanecem na brincadeira”.

A questão não é simplista, como talvez essa argumentação possa parecer. É, ao contrário, complexa e, por isso, pretendemos que seja um dos objetivos de nossos futuros trabalhos com o kîsêdjê.

2.5.2 Classes do Verbo

2.5.2.1 Verbo Intransitivo

Há duas subclasses de verbos intransitivos: os intransitivos simples com um papel nuclear correspondendo a S, e os Intransitivos estendidos, que além do sujeito têm um constituinte oblíquo. Ambos ocorrem com pronomes da SII quando na FA, e com pronomes da SI quando na FB:

122. (‘pa -n ‘wa) i- ‘t^hẽm mã (Intransitivo Simples)
 1ps top 1ps 1ps ir fut
 “Eu que vou”

123. (‘pa -n) ‘wa ‘tẽ (Intransitivo Simples)
 1ps top 1ps ir
 “Eu que fui”

124. hwĩ’so -n ‘ŋgo kãm s- a’ŋgo (Intransitivo Estendido)
 folha top água posp rel3 boiar
 “A folha está boiando na água”

Semanticamente, há uma distinção entre verbos intransitivos ativos e não ativos e entre descritivos e estativos, distinções estas que se refletem em diferentes possibilidades morfossintáticas.

Verbos ativos em FA (‘ngere “dançar”), recebem pronomes da SII e verbos ativos em FB (‘ngre “dançar”), recebem pronomes da SI.

125. (‘pa -n ‘wa) i -‘ngere mã

1ps top 1ps 1ps dançar fut

“Eu (que) dançarei”

126. ‘wa ‘ngre

1ps dançar

“Eu dancei”

Verbos intransitivos descritivos (adjetivos) recebem pronomes da SII:

127. i- ‘mbe’tji

1ps bem

“Eu estou bem”

Os verbos intransitivos estativos ocorrem em orações com o sujeito no dativo:

128. i- mã 'kri

1ps posp frio

“Eu estou com frio”

Observe-se que há um inter-relacionamento entre as subclasses dos verbos intransitivos. Pronomes da SII ocorrem com verbos intransitivos ativos de FA, assim como com verbos descritivos (cf.: 125 e 127).

2.5.2.2 Verbo Transitivo

Verbos transitivos admitem dois argumentos nucleares: o sujeito e o objeto. O objeto vem necessariamente expresso. O seu deslocamento ou apagamento acarreta o surgimento do prefixo verbal *ku-* (cf. 2.5.2.3), ou de outra marca no verbo. Além disso, se o objeto nominal estiver contíguo ao verbo, este ocorre com o relacional *y-* ou \emptyset -. Entre os transitivos inclui-se *ku'pĩ* “matar” e *s- a'ntoro* “cortar” (cf.: 3.1.2.1).

129. 'nira -n mi'tʃi 'pĩ

3ps top jacaré matar

“Ele matou jacaré”

130. i'ta ra ku- 'pĩ

3ps ms obj matar

“Ele matou”

131. i're s- a'ntoro 'kere

1ps rei3 cortar negação

“Eu não cortei (ela)”

132. 'hẽn 'wa 'hwĩŋgrɔ y- a'nto

asp 1ps lenha rel cortar

“Eu cortei lenha”

Também o verbo transitivo tem a subclasse dos estendidos, como 'ŋõ

“dar”, que, além do sujeito e do objeto, envolvem um oblíquo:

133. kɔtɪɾeye tɔ̃ ra ka'mbi mã k'hɪwa ŋgo

crianças sing ms irmão posp flecha dar

“A criança deu uma flecha para o irmão”

134. 'hẽn kao'mi ra ŋgɔtɪɾeye mã 'me s- uyarẽn y- a'rẽ

asp n. próprio ms crianças posp gente rel3 história rel contar

“Kaomi contou história da gente para as crianças”

135. kətiːreye t̃ ra kambɪ we ˈkʰɪwa wɪti -n ku- ˈpi

Crianças sing ms irmão posp flecha um ? obj pegar

“A criança pegou uma flecha do irmão”

2.5.2.3 Prefixo ku-

Há uma classe de verbos transitivos que se caracterizam por receberem o prefixo ku-, que marca a posição de objeto nas situações em que o nominal (pleno) objeto está ausente ou deslocado de sua posição, ocorrendo não contiguamente ao verbo. O prefixo somente ocorre em construções com verbo na FB:

136. ˈhɛn kaoˈmi ra ˈhr̃ mã ˈmbri ˈɲ- ɪ ɲ̃

asp n. próprio ms esposa posp bicho rel carne dar

“Kaomi deu carne para a esposa?”

137. wəˈtən kaoˈmi ra hr̃ mã ku- ɲ̃

interrogativo n. próp. ms esposa posp obj. dar

“O que Kaomi deu para a esposa?”

138. mɪtʃi -n ˈwa ku- ˈku

jacaré top 1ps obj comer

“Eu comi jacaré”

No dado 136 o objeto está contíguo ao verbo, por isso não ocorre o prefixo ku-. Em 137, o objeto está ausente e o verbo vem com o prefixo. Em 138, o objeto está deslocado, e igualmente o prefixo ocorre no verbo. Entre os verbos que recebem o prefixo incluem-se: 'krẽ "comer", 'pĩ "matar", 'pi "pegar".

2.5.3 Tempo \ Aspecto

2.5.3.1 Partículas de Tempo / Aspecto

Há duas partículas que se referem a tempo e/ou aspecto, a que nos referiremos por TA, cuja distribuição é oposta: mã, que ocorre sempre no final de oração e; 'hẽn, que ocorre sempre no início de oração.

A primeira, mã, refere-se a um fato a ser realizado, como pode ser constatado pelos exemplos abaixo:

139. 'pa -n 'wa i- 'tẽm mã

1ps top 1ps 1ps ir fut

"Eu irei"

140. 'pa -n 'wa 'tẽ

1ps top 1ps ir

"Eu fui"

141. 'pʌ kot na 'wa i- 'tẽm mã

mato posp top 1ps 1ps ir fut

“Eu vou caçar”

142. 'pʌ kot na 'wa 'tẽ

mato posp top 1ps ir

“Eu fui caçar”

143. ku'kwəy na 'nda ra 'ŋgɔ mã

macaco top chuva ms molhar fut

“A chuva vai molhar o macaco”

144. 'nda -n ku'kwəy 'ŋgɔ

chuva top macaco molhar

“A chuva molhou o macaco (Agora: ainda está molhado)”

As orações acima demonstram o contraste entre um fato não realizado (fut) e fatos realizados. Note-se que, aparentemente, não há marca explícita para o fato já realizado.

O segunda partícula de TA é 'hẽn. No entanto, antes de tratarmos de tal elemento, iniciaremos por alguns dados que coletamos justamente para testar TA:

145. li'ana ka'fɛ ɲ- î'hwere

n. próprio café rel fazer

“Liana fez café (resposta a: quem fez café?)”

146. li'ana ra ka'fɛ ɲ- î'hwere

n. próprio ms café rel fazer

“Liana fez café (acabou de fazer faz tempo)”

147. li'ana -n ka'fɛ ɲ- î'hwere

n. próp top café rel fazer

“Liana fez café (acabou de fazer agora)”

148. 'nda ra ku'kwəy 'ŋgɔ

chuva ms macaco molhar

“A chuva molhou o macaco (há tempo: ele está seco)”

149. 'nda -n ku'kwəy 'ŋgɔ

chuva top macaco molhar

“A chuva molhou o macaco (Agora: ainda está molhado)”

Em 145, trata-se de uma resposta que vem despida dessas marcas. Confrontando-se 146 e 147 percebe-se que a oração com CN sujeito marcado com *ra* refere-se a um fato ocorrido “faz tempo” e, a oração com sujeito topicalizado refere-se a um fato ocorrido “agora”. Ou seja, poderíamos associar a

ocorrência das duas partículas, além de suas funções já vistas, a um passado não próximo e próximo, respectivamente. O mesmo ocorre no confronto de 148 e 149.

Vejamos mais alguns dados:

150. 'ludo ra 'ŋgo rɔ 're

n. próp ms rio posp atravessar

"Ludo atravessou o rio (faz tempo - notícia)"

151. 'ludo -n 'ŋgo rɔ 're

top rio posp atravessar

"Ludo atravessou o rio (agora)"

152. 'ludo ra si'ka rɔ -n 'mbra

ms fora posp ? verbo posicional/estar/permanecer

"Ludo está fora de casa (notícia, está fora de casa agora)³"

153. 'ludo ra ki'kre kãm na 'mbra

ms casa posp ? verbo posicional

"O Ludo está em casa"

Os dados 150 e 151 não apresentam problemas porque seguem o mesmo padrão dos anteriores. Já 152 e 153 sim, aparentemente há um problema porque

³ Este, e outros dados referentes a tempo / aspecto, foram tomados por mim e pelo Prof. Geraldo Mattos, que coletou o dado 152 no momento que eu havia saído. Assim, o dado não está descontextualizado.

ocorre a partícula *ra* e a oração corresponde a um passado próximo. No entanto, deve ser notado que a locução posposicional está em sua posição canônica, e vem seguida por *-na*, formalmente idêntica à marca de tópico.

Portanto, tem-se a possibilidade que as partículas marcadoras de sujeito e tópico assinalem também tempo / aspecto. Não se trata de uma solução definitiva, apenas uma solução possível a partir dos dados que dispomos.

Passemos à partícula *·hẽn*, que neste trabalho vem glossada como sendo marca de não futuro. Observem-se os seguintes exemplos:

154. *·hẽn ʔɔp ra ku'kwəy ʔpĩ*
 asp onça ms macaco matar
 “A onça matou o macaco?”

155. *·hẽn ʔka ku- ʔmba*
 asp 2ps obj entender
 “Você já entendeu? (as crianças me perguntaram a respeito do *kĩsêdjê*)”

156. *·hẽn ʔwa ku- ʔmba*
 asp 1ps obj entender
 “Eu já entendi (resposta que me foi orientada por Tempty)”

157. *·hẽn ʔwa i- ʔtʌ*
 asp 1ps 1ps sentir
 “Eu sinto dor”

Em 154, 155 e 156 a partícula aparece em orações interrogativas e também em orações com verbo na FB, e se refere a tempo passado ou a um perfectivo. No entanto, em 157, a partícula parece referir-se ao momento da fala.

A partícula ocorre também em orações com verbo em FA e, portanto, em orações negativas e no progressivo.

158. 'hẽn 'wa 'mbay 'kere

asp 1ps perder negação

“Eu não perdi”

159. 'hẽn 'wa adzi- 'ŋgere rɔ 'ta

asp 1pl 1ple dançar posp verbo posicional

“Nós estamos dançando”

160. 'hẽn 'tɛ ka'ken rɔ 'ɲi

asp perna coçar posp verbo posicional

“Ele está coçando a perna”

Contudo, não foi registrada em construções com a partícula mã “futuro”:

161. 'hẽn 'ka mẽ'kĩn mã 'tẽ

asp 2ps festa posp ir

“Você foi à festa?”

162. 'hã, 'hẽn 'wa 'tẽ

asp 1ps ir

“Sim, eu fui”

163. 'kot 'ka mẽ'kĩn mã 'tẽm mã

int 2ps festa posp ir fut

“Você vai à festa”

164. 'hã, 'wa mẽ'kĩn mã 'tẽm mã

1ps festa posp ir fut

“Sim, eu vou”

Os dados levam a concluir que a partícula é usada em contextos referentes a tempo não futuro, e assim, ela será considerada, neste trabalho.

Em todas as ocorrências disponíveis a partícula tem a forma 'hẽn. É possível que o -n final seja a marca de tópico, porquanto este não aparece marcando outro elemento da construção.

2.5.3.2 Progressivo

O aspecto progressivo pode ser realizado de formas diferentes. A forma mais comum é realizada com o verbo lexical em FA, mais posposição *ro*, mais um verbo posicional. É estranho, e eu assim o considero também, que posposição siga verbo, ou seja, sabe-se que seguem apenas nomes. Apesar de termos consciência disso, manteremos o rótulo “*posposição*” para elementos de manifestação fonológica idêntica às posposições que ocorrem após nomes para evidenciarmos a possibilidade de verbos de forma longa funcionarem como nomes.

Vejamos cada uma das possibilidades:

165. 'hẽn 'wa a'dʒi- 'mbərə ro 'ji

asp 1pl 1pl chorar posp verbo pos.

“Nós estamos chorando”

166. 'hẽn 'wa i- 'mbərə ro 'ji

asp 1ps 1ps chorar posp verbo pos.

“Eu estou chorando”

167. mẽ'mbiye ra s- ɔ'hwen ro 'ta

homem ms rel trabalhar/fazer posp verbo pos.

“Os homens estão trabalhando”

168. karoˈlina ra kuˈken rɔ ˈpa

n. próp ms lavar posp verbo posicional (permanecer)

“A Karolina está lavando roupa”

O progressivo exprime-se também por construção com os verbos ˈtẽ e ˈmõ, que somente coocorrem com rɔ em orações com verbo transitivo. O progressivo com estes dois verbos implica mudança de estado:

169. ˈhwĩ ra ˈŋgrɔ ˈtẽ

árvore ms secar ir

“A árvore está secando”

170. ˈmbit ra ˈhwĩ ˈŋgrɔ rɔ ˈtẽ

sol ms árvore secar posp ir

“O sol está secando a árvore”

171. ˈhẽn ˈwa adʒi- ʝĩri ˈtẽ

asp 1pl 1pl sentar ir

“Nós estamos sentando”

Note-se que, em 171, o verbo posicional assume sua forma longa.

2.5.3.3 Habitual

O habitual expressa-se por meio do elemento *·kām*, fonologicamente idêntico à posposição *·kām*, associado na construção a verbo posicional. Pode também ser realizado pelo advérbio *wi'ri* “sempre”.

172. *kaʔiːɾeye ra aykrɔkaʔtsi kām na ʔpa*

crianças ms brincar posp ? verbo posicional

“Crianças brincam sempre”

173. *kaʔiːɾeye ra aykrɔkaʔʃi wi'ri*

crianças ms brincar sempre

“Crianças brincam sempre”

174. **kaʔiːɾeye ra aykrɔkaʔtsi na ʔpa*

crianças ms brincar ? verbo posicional

“*Crianças brincam sempre (recusada)”

175. *liːana ra ʔkĩn ʔkām na ʔmbra*

n. próprio ms alegre posp ? verbo pos.(sing)

“Liana é alegre”

176. *li·ana ra ·kĩn ·kãm na 'pa

n. próprio ms alegre posp ? verbo pos.

*"Liana é alegre"

A comparação de 172 e 175 nos demonstra a obrigatoriedade do elemento posposicional. Em 175 e 176, percebe-se que também os verbos posicionais podem ter formas para o singular e o plural, como 'pa e 'mbra.

O habitual pode manifestar-se também pelo elemento mã. Neste caso, sua distribuição é diferente tanto da partícula de forma idêntica que assinala tempo "futuro", quanto da posposição mã "dativo". Ocorre depois da marca de sujeito ra ou da de tópico na. Compare os exemplos abaixo:

177. ta·rãm na mã 'mẽ 'tũmye 'wit 'ŋga kãm 'pa

antigamente top hab pessoal velhos somente C. H. posp verbo posicional

"Antigamente somente os velhos ficavam na Casa dos Homens"

178. mbo·tʃi kãm na mẽ ra mã 'po rɔ 's- arĩ

festa do veado posp top pessoal ms hab vestimenta posp rel pular

"Na Festa do Veado o pessoal dança com pô (tipo de vestimenta)"

179. i- 'tẽm mã

1ps ir posp

"Eu irei"

2.5.3.4 Completivo

O completivo é expresso por 'hwa posposto ao verbo. Vejamos os exemplos:

180. hẽn 'wa a'rɔ i- 't- ʌ 'hwen 'hwa

asp 1ps pass 1ps rel coisa fazer completivo

“Já terminei de fazer o meu trabalho”

181. 'hẽn 'wa ɲ- ɔ 'kẽrẽ 'hwa

asp 1ps rel comida comer complet.

“Eu comi a comida toda (até o fim)”

182. li'ana ra ay- 'kwã 's- ɔrɔ 'hwa ɲĩ i- 'mã 'kere

n. próp ms pl pl 3ps+posp rel3 dar complet conet 1ps posp negação

“Liana deu tudo para os outros, mas nada para mim

É interessante observar que para o verbo “matar” a construção não ocorre com verbo + completivo, mas apenas com 'hwa como verbo, significando “matar até acabar / até o fim”.

183. ɲʌ'kɔ -n ku'kwəy 'hwa

n. próp top macaco matar

“Nháko matou macacos (até acabar)”

2.6 Advérbio

Os advérbios formam uma classe heterogênea, constituída de qualificadores, temporais, intensificadores e locativos. Sintaticamente ocorrem como modificadores pospostos a adjetivos, verbos e advérbios, e como predicado de orações não verbais. Muitos advérbios são relacionados a adjetivos e a demonstrativos. Distinguem-se de nomes e verbos por serem despidos das marcas morfológicas destas classes. Seguem alguns exemplos.

Qualificadores

184. pi'reye tɔ 'mbetʃi ra 'hrɔ̃n 'mberi

menina sing bonito muito ms correr bem

“A menina bonita corre bem”

185. 'nira -n s- u'mba 'mberi

3ps top rel pensar bem

“Ele pensa bem”

186. i- 'tʌ 'kuru 'sɪrɛ

1ps ? comer pouco

“Eu como pouco”

187. 'nira n- 'tʃi ku'mɛni

3ps top grande muito

“Ele é (muito) grande”

O dado 184 demonstra que há possibilidade de a mesma raiz ser utilizada como adjetivo ou advérbio. Em 185 e 186 exemplificamos verbos modificados por advérbio e, em 187, advérbio modificando adjetivo.

Os exemplos a seguir referem-se a advérbios em função de predicado:

188. a- ki'kʰrɛ -n i'ta

2ps casa top aqui

“Tua casa é aqui”

189. i- ki'krɛ -n 'nihadʒi

1ps casa top longe

“Minha casa é longe”

Diferente dos adjetivos, que quando funcionam como predicado recebem marcação de pessoa como os verbos, os advérbios em função

predicativa não podem receber tais marcas. Assim como com os adjetivos, o que determina o funcionamento do advérbio como predicado é a relação sintática.

Há dois advérbios de negação. O primeiro deles é uma forma livre 'kere, bastante produtiva, que ocorre como forma geral de negação. O segundo advérbio de negação ocorre apenas no imperativo proibitivo (cf. Verbos/Modo). Seguem exemplos.

190. i -re hwĩsĩ 'ren 'kct mã

1ps ms fruta colher neg fut

"Eu não colherei fruta"

191. karo'lina ra s- ʌ'kuru 'ket ku'meni

n. próp. ms rel comer neg muito

"Karolina não come muito"

No dado 190, a negação tem escopo sobre o verbo e seu objeto. Em 191, o advérbio ku'meni modifica a locução formada pelo verbo e advérbio de negação que, por sua vez, afeta o núcleo do constituinte verbal. O mesmo tipo de construção em 190 ocorre também no seguinte exemplo:

192. 'nira ra 's- ãn 'kct wiri

3ps ms rel dormir neg sempre

"Ele não dorme nunca"

Novamente, a negação atinge apenas o núcleo do constituinte verbal e o advérbio *wi'ri* refere-se à locução formada pelo verbo mais a negação. Confronte-se este dado com o seguinte:

193. *'nira ra 's- ãn wi'ri*

3ps ms rel dormir sempre

“Ele dorme sempre”

É claro, poder-se-ia objetar que o advérbio de negação refere-se a *wi'ri* e não ao verbo. Assim, teríamos algo como [*wi'ri* = sempre] e [*'ket wi'ri* = nunca]. No entanto, essa possibilidade afetaria a ordem estrutural de ocorrência do advérbio de negação, que sempre segue o elemento que modifica (cf. 184, 186 e 187). Ou seja, precisaríamos afirmar que o advérbio segue verbos (cf. 190), e precede advérbios. Assim, o que temos em 192 é o advérbio de negação modificando uma locução formada por verbo mais advérbio de negação. O mesmo ocorre no dado que segue.

194. *karo'lina ra s- ʌ'kuru ku'meni 'kere*

n. próp. ms rel comer muito neg

“Karolina não come muito”

O advérbio *'kere* pode receber um elemento sufixal átono *-re*:

195. 'ket -rɛ i- 'tʰɛm 'ket mã

neg ? 1ps ir neg fut

“Não. Eu não vou”

196. 'ket -rɛ i- 'tʰɛm 'ket mã kaomi ra 'ke 'tʰɛm 'ket mã

neg ? 1ps ir neg posp n. próp ms também ir neg fut

“Não. Nem eu nem Kaomi vai”

197. ku'tɛ a- mã 'koro 'ket -rɛ

interrogação 2ps posp sede neg ?

“Você não está com sede?”

A negação com o elemento sufixal ocorre apenas em orações do tipo exemplificado acima. Por isso, provisoriamente, consideraremos que o uso enfático da negação vem acompanhado do elemento sufixal -rɛ.

2.7 Posposição

São elementos de uma classe fechada, que ocorrem sempre precedidos de seu objeto, expresso por LN ou pronome da SII. Ocorrem como clíticos quando associados a nomes e são acentuadas quando se ligam a pronomes.

As posposições exprimem distintas funções semânticas locais e não locais. São as seguintes as principais posposições da língua.

1. mã	dativo, benefactivo, direcional	5. ka'tip	finalidade
2. rum	abiativo	6. we	malefactivo, locativo (não limitado)
3. kãm	locativo (inessivo)	7. rɔ	instrumento, locativo
4. kot	comitativo, locativo (por, pelo), causa		

mã - dativo, benefactivo, direcional.

198. 'nira -n 'wa mã 'krwa 'ŋõ

3ps top 1ps posp flecha dar

“Ele deu flecha para mim”

199. 'hẽn 'wa 'kwã s- õ- 'tɛp kursõ

asp 1ps 3ps+posp rel3 posse peixe limpar

“Eu limpei o peixe (dele) para ele”

200. karu'pi -n 'ŋgʌ mã 'tẽ

n. próp top c. dos h. posp ir

“Karupi foi para a Casa dos Homens”

rum - ablativo

201. ki·kre rum na kao'mi ra 'tẽ

casa posp top n. próp ms ir

“Kaomi veio de casa”

kam - locativo (inessivo)

202. ki·kre kãm na 'wa 'ĩĩ

casa posp top 1ps sentar

“Eu estou em casa”

kot - comitativo, locativo (por), causa

203. a- kot na 'wa i- 'tẽm mã

2ps posp top 1ps 1ps ir fut

“Eu irei com você”

204. 'pʌ kot na 'wa i- 'tẽm mã

mato posp top 1ps 1ps ir fut

“Eu fui caçar”

205. hwĩ'si kot na 'mbərə

fruta posp top chorar

"Ele chorou por causa da fruta"

we - malefativo, locativo

206. 'hẽn 'wa a- 'we a- 'kʌ ka'ki

asp 1ps 2ps posp 2ps camisa rasgar

"Eu rasguei tua camisa"

207. 'ngwəy na hwi'ka we 'ta

panela top terra posp v. poslcional (em pé)

"A panela está no chão"

rə - instrumento, locativo (sobre)

208. hwĩ rə -n 'wa ku- 'pĩ

pau posp top 1ps obj matar

"Eu matei com espingarda"

209. 'kʌp ra 'hway rə 'nõ

borduna ms mesa posp v. posicional (deitar)

"A borduna está em cima da mesa"

ka'tip - finalidade

210. ki'kre ka'tip 'hwĩ

casa posp madeira

"Madeira para casa"

2.8 Partícula

Estou chamando de partículas elementos não flexionáveis que, diferentemente de afixos, não se ligam a radicais específicos, mas a constituintes, ou ocupam posição fixa na oração. São as seguintes:

Partícula ra, (ta - após consoantes surdas) - marca de sujeito. Ocupa a posição após o sujeito A ou S, cliticizando-se ao último elemento da LN.

211. ka'rõ ra 'rĩɛ

sombra ms comprida

"A sombra é comprida"

212. s- asere'ta ka'rõ ra 'rĩɛ

rel3 porta sombra ms comprido

"A sombra da porta é comprida."

213. ki'k^hre y- asere'ta ka'rõ ra 'rire

casa rel porta sombra ms comprido

"A sombra da porta da casa é comprida."

214. tep'nti me kao'mi ra 'hrõno

n. próp conet n. próp ms correram

"Tempty e Kaomi correram"

215. ngay'mo ra 'tep 'ka

n. próp ms peixe assar

"Ngajmo assou o peixe"

Os exemplos 211 e 214 mostram que a partícula se liga a constituintes, não a uma palavra. Em 215 ela ocorre marcando um constituinte em função A.

Partícula na, (-n - quando segue palavras terminadas em vogal) - tópico. A partícula de tópico, aparentemente, pode seguir qualquer elemento. Quando ocupa o lugar da marca de sujeito (ra), ela assume a função de marcador de sujeito:

216. mba'ta ra i'ta 'pĩ

febre ms 3ps matar

"A febre matou ele"

217. mba'tʌ -n i'ta 'pĩ

febre top 3ps matar

“Foi a febre que matou ele”

A LN em função de sujeito não se desloca quando recebe a partícula de tópico. Os demais constituintes, exceto o verbo, são movidos para o início da oração:

218. tu're -n 'huru mã 'tẽ

pai top roça posp ir

“O pai foi para a roça”

219. 'huru mã -n tu're ra 'tẽ

roça posp top pai ms ir

“Para o roça é que o pai foi”

Em 218, a oração, com sujeito topicalizado, está em sua ordem canônica, e a partícula de tópico acumula a função de marcar o sujeito. Em 219, a locução posposicionada está topicalizada e, por isso, ocorre como o primeiro elemento da oração. Note-se que o deslocamento da LP acarreta o restabelecimento da partícula ra que marca o sujeito da oração.

Exemplificaremos, abaixo, a ocorrência da partícula de tópico seguindo diversas locuções.

220. am'ne -n li'ana ra is'kola mã 'tẽ

direcional top n. próp ms escola posp vir

"A Liana está vindo para a escola"

221. 'nũm na a- 'mã s- a'rẽ

quem top 2ps posp rel contar

"Quem contou para você?"

222. 'mu -n 'tẽ

lá top ir

"Foi embora"

223. hwĩ'kʌ kãm na tu're ra 'tẽ

canoa posp top pai ms ir

"Meu pai saiu de canoa"

Partícula mã - esta partícula, formalmente idêntica à posposição mã "dativo", pode ocorrer em diferentes posições na sentença, assinalando distinções aspecto-temporais (cf.: 2.5).

Partícula 'hẽn - a natureza desta partícula, glossada provisoriamente como nfut, não está totalmente clara. Foi registrada somente na posição inicial da sentença.

kot, ku'tε - Assinala perguntas do tipo sim/não (cf.: 3.4).

3. SINTAXE

3.1 SUBCONSTITUINTES DA ORAÇÃO

A oração é composta por diversos subconstituintes de natureza diferente que podem ser identificados, em parte, pela partícula de tópico *na* e pela partícula *ra*, marcadora de sujeito.

3.1.1 Locução Nominal

A locução nominal pode ocorrer nas funções de sujeito, objeto de verbos e de posposições e também como predicado em orações não verbais.

A LN é constituída minimamente de um pronome pessoal, um demonstrativo ou um nome:

224. *ʔwa ʔŋgrɛ*

1ps dançar

“Eu dancei”

225. i'ta ra a'rə 'kwã i'ta ka'nga

3ps ms adv 3ps+posp 3ps cansar

“Ela já se cansou dele”

226. ka'ŋã ra ak'ndɔ

cobra ms fugir

“A cobra fugiu”

O nome pode ocorrer com modificadores prepostos e pospostos .

3.1.1.1 Locução Genitiva

A locução genitiva tem como núcleo um nome possuível das classes alienável ou inalienável e como modificador (possuidor), um nominal ou um pronome da SII, ou seja, apresenta a estrutura: MODIFICADOR - NÚCLEO.

Nas situações em que o núcleo é nome inalienável e o possuidor é 1ª. ou 2ª. pessoa ou é expresso por nominal, o núcleo vem prefixado com um dos relacionais.

227. i- n- ya'krɛ

1ps/posse rel nariz

“Meu nariz”

228. a- ɲ- ya'krɛ

2ps/posse rel nariz

"Teu nariz"

O possuidor de 3ª. pessoa pode ser codificado somente por prefixo relacional no nome:

229. s- a'ra

rel3 asa

"Asa dele"

230. ø 'mbi

rel3 rabo

"Rabo dele"

Quando o núcleo é nominal alienável, este vem prededido do morfema -õ "posse", que ocorre prefixado com relacionais.

231. i- ɲ- -õ 'tɛwɛ

1ps/posse rel posse peixe

"Meu peixe"

A posse em relação a nomes alienáveis exprime-se por locução que tem por núcleo o nome inalienável -õ que significa, aproximadamente, "coisa

possuída”, precedido de relacional e pronome de posse. Na construção em 231, i-ŋ-õ funciona como uma locução genitiva, e ʔəwɛ como um aposto que especifica o item: “minha coisa possuída: peixe”. Esse morfema comporta-se do mesmo modo em Caiapó, como observado por Borges (BORGES, 1995, pp.47-50). O seguinte dado corrobora tal posição:

232. iʔa ŋ-õ

dem rel posse

“Pertence (coisa possuída) dele”

Com nomes alienáveis há ainda a possibilidade de a construção possessiva ser do seguinte tipo:

233. kʌtʔɛye ʔkit ɾɔpkaʔsʌk

menino criação cachorro

“O cachorro do menino”

Ou seja, à posse em relação a animais domésticos é expressa por meio de construção com ʔkit “criação”.

Ainda, a posse não específica/humana de nomes é indicada pelo morfema -mẽ “gente”:

234. 'mẽ ɲ- ũmkɾe'ko

gente rel brinco

"Brinco"

235. 'mẽ ø- 'kĩn

gente rel festa

"Festa"

3.1.1.2 Outros Modificadores

Na LN ocorrem como modificadores pospostos ao núcleo nominal o adjetivo, o demonstrativo, palavras para números e outros quantificadores, o determinante tã, a palavra 'tãra "outro". Seguem exemplos.

236. i- ɲ- indɔ'kɐ 'ndip na 'wa ku- 'pi

1ps/posse rel camisa novo top 1ps obj pegar

"Eu peguei minha camisa nova"

237. 'sɐk y- ara i'ta ra 'sĩɾe

pássaro rel asa esta ms pequeno

"Esta asa de pássaro é pequena"

238. 'hẽn 'wa 'pen wĩti -n kaso'so

asp 1ps mangaba um top chupar

"Eu chupei uma mangaba"

239. 'hẽn 'wa twən'tʃi wĩti -n ku- 'pĩ

asp 1ps tatu um top obj matar

"Eu matei um tatu"

240. kʌtĩ'reye tɔ̃ ra kĩ'kre mã 'tẽ

criança sing ms casa posp ir

"A criança foi para casa"

241. i'ta ra hwĩ'kʌ 'tɔ̃ra kãm na 'tẽ

3ps ms canoa outro posp top ir

"Ele foi na outra canoa"

3.1.1.3 Locução "Especificadora"

Há um tipo de locução nominal em que um nome liga-se a outro nome por meio do morfema *ɾɔ* / *tɔ* (depois de palavras terminadas por consoante), que é formalmente idêntico à posposição *ɾɔ* "instrumento" e ao morfema que ocorre no causativo. O modificador especifica o material de que é feito o item especificado.

242. 'kẽnɛ rɔ ɲgoy'ho

pedra ? prato

"Prato de pedra"

243. 'hwĩ rɔ ki'kre

madeira ? casa

"Casa de madeira"

244. 'krit tɔ ɲgoy'ho

ferro ? prato

"Prato de ferro"

A função do morfema glossado com interrogação não está clara. Haveria, pelo menos, três possibilidades de interpretação: i) a relação entre os elementos da construção pode ser genitiva, caso em que as traduções dos exemplos acima estariam de acordo; ii) a função do morfema poderia aproximar-se mais da posposição de instrumento, caso em que teríamos algo como: "prato com pedra"; iii) ou, considerando-se a possibilidade de segmentação do morfema, /ɔ/ poderia ser um morfema causativizador e /ɾ/ um relacional, caso em que teríamos "pedra feita prato".

3.1.2 Locução Verbal

A locução verbal pode ser constituída somente pelo verbo ou pelo verbo mais modificador:

245. 'wa 'tẽ

1ps ir

“Eu vou”

246. 'wa 'tẽm 'kere

1ps ir negação

“Eu não vou”

247. 'wa 'kuru 'mbetʃi

1ps comer bem

“Eu comi bem”

248. 'wa 'kuru 'tʃi ku'meni

1ps comer intens muito

“Eu comi demais”

3.1.2.1 Prefixo Relacionais com Verbos

Assim como os nomes relacionam-se a outros nomes através de elementos relacionais (cf.: 2.1), também os verbos relacionam-se ao seu objeto através de elementos relacionais.

Há vários relacionais que ocorrem com os verbos. De modo geral, eles seguem, basicamente, a mesma regra de distribuição que aquela apontada para os nomes. Nos exemplos a seguir, o relacional y- ocorre quando o objeto está contíguo ao verbo, e o relacional s- assinala 3ª pessoa:

Relacional y-

249. i- 'rɛ 'mbri ɲ- ɪ̃ y- a'rit 'kere

1ps ms bicho rel carne rel procurar neg

“Eu não procurei carne”

250. i- 'rɛ s- a'rit 'kere

1ps ms nc procurar neg

“Eu não procurei ela”

251. 'hɛ̃n 'wa hwĩ'ŋgrɔ y- a'ka

asp 1ps lenha rel cortar

“Eu cortei lenha”

252. i- 'rɛ s- a'kʌɾʌ 'kere

1ps ms nc cortar neg

"Eu não cortei ela"

253. 'hɛn 'wa a'kũm s- a'rɛ

asp 1ps novamente rel3 falar

"Eu falei novamente"

254. hwĩsosoka'nde ra 'ke 'tʌ ɟ- ɪ'nti mã ɟ uyarɛn tɔ y- arɛ

professor ms também coisa rel nome posp rel3 história sing rel contar

"O professor também conta uma história para o nome da coisa"

Também com os verbos o relacional -y tem um alomorfe ɟ-.

255. rɔ'tām na 'wa 'krwa ɟ- ɪ'hwere

agora top 1ps flecha rel fazer

"Eu fiz flecha agora"

256. 'krwa -n 'wa s- ɪ'hwere

flecha top 1ps nc fazer

"Eu consertei flecha (referência a uma flecha que ganhei e estava estragada.

Wetág consertou-a)"

Relacional t-

Ocorreram em nossos dados exemplos de um prefixo t- que consideramos um relacional porque está regido pelas mesmas condições distribucionais que o relacional y-.

257. i- 't- ʌɾʌ 'kere

1ps rel afundar negação

“Eu não afundei”

258. 's- ʌɾʌ ra 'kĩ ku'meni

nc afundar ms engraçado muito

“O afundar dele é muito engraçado”

Outro verbo onde o mesmo ocorre é ɔ'mũ “ver”. Confira:

259. mẽ'ndiye tɔ̃ -n 'tʌ t- ɔ'mũ

mulher sing top coisa rel ver

“A mulher está vendo coisas”

260 mẽ'ndi -n s- ɔ'mũ

mulher top rel ver

“A mulher viu eles (os artesanatos)”

Relacional w-. Só foi registrado com verbo transitivo.

261. hẽn 'wa 'tʌ w- i'to
asp 1ps coisa rel agarrar
“Eu salvei as coisas (agarrando-as)”

262. hẽn 'wa s- u'to
asp 1ps nc agarrar
“Eu salvei elas (agarrando-as)”

3.2 ORAÇÕES INDEPENDENTES

3.2.1 Tipos Básicos de Orações

Em Kĩsêdjê distinguem-se os seguintes tipos básicos de orações (SEKI, 1996):

Orações Verbais	Intransitivas
	Intransitivas Estendidas
	Transitivas
	Transitivas Estendidas

Orações Não Verbais

Identificadoras

Equativas

Existenciais

Possessivas

Nas orações intransitivas o elemento marcado junto ao verbo é o sujeito, e a concordância se faz com o sujeito.

Nas transitivas o elemento marcado junto ao verbo é sempre o objeto direto.

Tanto as intransitivas quanto as transitivas apresentam variação na marcação do sujeito e na forma do verbo, o que resulta em subtipos de construções.

3.2.2 Orações Intransitivas

São orações com predicado verbal intransitivo que têm apenas um argumento nuclear, apresentando a estrutura S V.

Neste tipo de oração o predicado pode ser um verbo ativo na FA ou FB, um verbo estativo ou um verbo descritivo. O sujeito pode ser manifestado por locução pronominal ou não pronominal e receber diferentes marcas. Há distintos subtipos de orações intransitivas conforme a natureza e a forma do verbo e o elemento que expressa o sujeito.

Examinemos inicialmente as orações com sujeito manifestado por pronomes.

TIPO 1 - [PRO₁ - V_{FB}]. Onde: PRO₁ significa sujeito de verbo intransitivo manifestado por pronome; V_{FB} significa predicado manifestado por forma verbal que ocorre em orações não negativa, não futura e não progressiva.

Orações do T1 têm sujeito manifestado por pronomes da SI:

263. 'wa 'ŋgre

1ps dançar

"Eu dancei"

264. 'ka 'ŋgre

2ps dançar

"Você dançou"

265. ø 'ŋgre

3ps dançar

"Ele dançou"

O sujeito pode vir topicalizado, mantendo-se, contudo, uma cópia na posição original:

266. 'pa -n 'wa 'ŋgre

1ps top 1ps dançar

"Eu (que) dancei"

267. 'ka -n 'ka 'ŋgre

2ps top 1ps dançar

"Você (que) dançou"

268. i'ta -n ø 'ŋgre

3ps top 3ps dançar

"Ele (que) dançou"

TIPO 2 - [PRO₂ - V_{FA}]. Onde: V_{FA} significa forma verbal que ocorre em orações negativas, no progressivo ou no futuro.

Orações do T2 têm o sujeito codificado por pronomes da SII (PRO₂). O sujeito é manifestado opcionalmente por pronomes da SI, podendo ser topicalizado.

269. i- 'ŋgere mã

1ps dançar posp

"Eu dançarei"

270. 'wa i- 'ŋgere mã

1ps 1ps dançar posp

"Eu (que) dançarei"

271. 'pa -n 'wa i- 'ŋgere mã

1ps top 1ps 1ps dançar posp

"Eu (que) dançarei"

TIPO 3 - [PRO₂ - V_D]. Onde: V_D significa verbo descritivo.

A oração com verbo descritivo (=adjetivo) tem estrutura semelhante à de T2, mas não está condicionada pelos contextos dos verbos de FA. De fato, a oração descritiva parece não admitir a marca do futuro.

272. i- 'mbetfi

1ps bem

"Eu estou bem"

273. 'wa i- 'mbetfi

1ps 1ps bem

"Eu estou bem"

274. 'pa -n 'wa i- 'mbetfi

1ps top 1ps 1ps bem

"Eu estou bem"

275. * 'wa i- 'mbetfi mã

1ps 1ps bem fut

* “Eu estarei bem (oração inaceitável)”

Note-se que em 273 a oração não pode ser acrescida de mã “futuro”.

TIPO 4 - [PRO₃ - mã - V]

Há um subgrupo de verbos que exprimem sensações como “ter fome”, “ter sede”, “ser alegre”, que têm o sujeito codificado por pronomes da SII marcados pela posposição mã “dativo”. O sujeito pode vir expresso, adicionalmente, por LN.

276. 'hẽn 'ka a- mã 'koro

asp 2ps 2ps posp estar com sede

“Você está com sede”

277. 'hẽn 'wa i- mã 'hrãm

asp 1ps 1ps posp estar com fome

“Eu estou com fome”

278. i'ta ra a'rə 'kwã i'ta ka'ŋga

3ps ms adv 3ps+posp 3ps cansar

“Ela já se cansou dele”

TIPO 5 - [NOM - ra - V]

Este tipo de oração tem o sujeito manifestado por nome ou pronome demonstrativo e assinalado pela partícula ra. O verbo pode ocorrer em FA ou FB.

279. i'ta ra 'sĩɾɛ

3ps ms pequeno

“Ele é pequeno”

280. karo.lina ra ku'ken rɔ 'pa

n. próp ms lavar posp verbo posicional

“A Karolina está lavando (roupa)”

281. ka'ŋã ra ak'ndo

cobra ms fugir

“A cobra fugiu”

3.2.3 Orações Intransitivas Estendidas

São orações com predicado verbal intransitivo estendido que, além do sujeito, contém um papel oblíquo. Apresenta-se na seguinte estrutura, considerada como TIPO 6: [NOM ou PRO₁ - OBL - V].

O sujeito manifesta-se por LN não pronominal ou por pronome da SI, tendo a concordância marcada no verbo por elemento pronominal da SII. O oblíquo consiste de uma locução posposicional, cujo objeto é um nominal ou pronome da SII. O verbo ocorre na FA ou na FB, nos contextos apropriados.

282. 'wa ka'ren mã i- ka'to

1ps cachimbo posp 1ps encontrar

"Eu encontrei o cachimbo"

283. 'hẽn 'ka i- we ŋ- ãro

asp 2ps 1ps posp 2ps dormir

"Você dormiu (contra a minha vontade)"

284. hwĩ'so -n 'ŋgo kãm s- a'ŋgo

folha top água posp rel3 boiar

"A folha está boiando na água"

285. ay'pa -n 'wa aya- kot ayi- 'mãro mã

1ple top 1ps 2pl posp 1ple ir fut

"Nós iremos com vocês"

286. mẽ'mbiye ra 'huru rum 'pəy

homens ms roça posp chegar

"Os homens chegaram da roça"

287. 'mẽ ra 'hwet.ri kwẽ'te kãm 'ŋãro

pessoal ms todo rede posp dormir

"O pessoal todo dorme em rede"

288. karupi ra 'ŋga mã 'tẽ
n. próp ms C. H. posp ir
"Karupi foi para a Casa dos Homens"

3.2.4 Orações Transitivas

São orações cujo predicado é um verbo transitivo e que, além do sujeito, contêm um outro argumento em função de O, ou seja, têm a estrutura A - O - V.

O sujeito é expresso por LN não pronominal ou por pronomes das SI, SII e SIII. O objeto é codificado por nominal ou por pronome da SII junto ao verbo. O sujeito pode receber diferentes marcas, cuja seleção depende da natureza e forma do verbo, da categoria de tempo/aspecto e negação envolvidas e da natureza do nominal. Disso resultam diferentes subtipos de orações transitivas especificadas a seguir.

TIPO TRANSITIVO 1 (TR 1): [PRO₁ - O - V].

Em orações com verbo em FA ou FB o sujeito (A₁) pode ser expresso por pronomes da SI, que não recebem marcas específicas. O objeto manifesta-se por locução não pronominal ou pronominal, neste caso, com pronomes da SII prefixados ao verbo.

289. 'pa -n 'wa 'rɔp 'mũ

1ps top 1ps onça ver

“Eu vi a onça”

290 'pa -n 'wa a- 'mũ

1ps top 1ps 2ps ver

“Eu vi você”

291. 'hẽn 'wa hwĩ'ŋgrɔ y- a'kɐ

asp 1ps lenha rel cortar

“Eu cortei lenha”

292. 'hẽn 'wa s- a'kɐ

asp 1ps rel3 cortar

“Eu o cortei”

293. 'hẽn 'wa ku- 'ŋã

asp 1ps obj espremer

“Eu o espremi”

294a. i- 'rɛ i- 'ndɔ 'sok 'kere

1ps ms 1ps olho pintar neg

“Eu não pinto meu olho”

294b. i- 're 'sok 'kere

1ps ms pintar neg

“Eu não (o) pinto”

Note-se que em 291 o relacionai y- marca a contiguidade do objeto. Em 292, com objeto nominal ausente, o relacional de 3ª pessoa marca-o junto ao verbo. Também em 293, estando ausente o objeto, a posição deste é marcada pelo prefixo ku-. Para alguns verbos, 294a e 294b, a marca de objeto é zero. Ou seja, o objeto é um elemento obrigatório junto ao verbo transitivo. A sua ausência provoca a manifestação de uma marca que recupera sua posição estrutural. Também o deslocamento do objeto de sua posição canônica é marcado da mesma forma. Confira:

295. 'wa hwĩ'kʌ 'mũ

1ps canoa ver

“Eu vi a canoa”

296. hwĩ'kʌ -n 'wa s- ã'mũ

canoa top 1ps rel3 ver

“Foi a canoa que eu vi”

297. mi'tʃi -n 'wa ku- 'ku

jacaré top 1ps obj comer

“Foi jacaré que eu comi”

TIPO TRANSITIVO 2 (TR 2): [NOM - ra - O - V].

Este tipo de oração tem o sujeito (NOM) expresso por nominal que vem marcada pela partícula ra. Também aqui o verbo pode estar em FA ou FB, nos contextos apropriados.

298. rɔp'tʃi ra mi'tʃi 'pĩ

onça ms jacaré matar

"A onça matou o jacaré"

299. kao'mi ra i- 'mũ

n. próp ms 1ps ver

"Kaomi me viu"

300. rɔpka'sak ta i- ka'ken 'kere

cachorro ms 1ps arranhar negação

"O cachorro não me arranhou"

301. mẽ'ndiye ra 'kwəɔ kure're 'kere

mulheres ms mandioca descascar negação

"As mulheres não descascaram mandioca"

Considerem-se, ainda, os seguintes exemplos:

302. rɔpka'sɬk na i- 'nta

cachorro top 1ps morder

"Foi o cachorro que me mordeu"

303. 'rɔp na mbriyaritka'nde ra ku- 'pĩ

onça top caçador ms obj matar

"Foi a onça que o caçador matou"

Observe-se que quando há topicalização do sujeito, a marca de tópico acumula a função da partícula *ra* (dado 302). Quando o objeto está topicalizado (cf.: 303), a partícula *ra* volta a ocorrer com o sujeito da oração esteja ele na função A ou S. Ou seja, as marcas de tópico e de sujeito não coocorrem.

Guedes afirma (GUEDES, 1993, pp. 139/40), que a partícula que marca sujeito, e que ela trata como sufixo, ocorre com o objeto também. Entre os pouquíssimos exemplos oferecidos pela autora há o seguinte (a transcrição é de Guedes):

rãŋõra kamani' kuŋõ "Kamani deu o colar"

colar - Kamani - o / dar

Ora, o objeto está deslocado de sua posição canônica e, por isso, ocorre o prefixo *ku-* ligado ao verbo. Desse modo, o CN objeto deslocado deve receber a marca de tópico (que não foi identificada, portanto não considerada por Guedes),

e não a partícula *ra*. Este é um dos sérios problemas causados pela não identificação do elemento topicalizador. Outro problema que se soma a este, é que, sem a marca de tópico, e sem os relacionais (também não identificados por Guedes), não é possível afirmar que verbo transitivo e objeto formam um bloco não separável. Ou seja, pela descrição de Guedes seria possível afirmar que a ordem em Kĩsêdjê é livre: sujeito ou objeto poderiam ocupar a primeira posição da oração.

Em nosso “corpus” figuram somente três ocorrências de *ra* seguindo constituinte objeto:

304. ʔnira -n ka'twa kām ʔmbri ɲ- ĩ ʔtʃi ra a'ku

3ps top sal posp bicho rel carne muito ms comer

“Ele comeu muita carne de bicho com sal”

305. ʔhēn ʔwa i- ndɔ'kʌ ʔndip ta ʔpi

asp 1ps 1ps/posse camisa novo ms pegar

“Eu peguei minha camisa nova”

306 ʔrɔp na ku'kwəy ra ku- ʔpĩ

onça top macaco ms obj matar

“A onça matou o macaco”

Contudo , em nenhuma delas o objeto seguido de *ra* ocupa a posição inicial da oração, posição esta que é geralmente interpretada como sujeito. Nos

exemplos acima considerações de ordem pragmática previnem a má interpretação da oração: objeto direto inanimado (em 304, 305) e, em 306, macacos, que não costumam matar onças. Assim, esses exemplos não invalidam nossa colocação de que a partícula *ra* marca o sujeito da oração.

TIPO TRANSITIVO 3 (TR 3): [PRO₃ - O - V].

Orações transitivas negativas ou marcadas para o futuro têm sujeito expresso por pronomes da SIII. Em tais orações, o objeto é codificado por LN nominal ou por pronome da SII. O verbo ocorre em FA, recebendo os prefixos relacionais.

307. i- rɛ hwĩ'ŋgrɔ y- a'kɔɾɔ 'kere

1ps posp lenha rel cortar negação

"Eu não cortei lenha"

308. i- rɛ s- a'kɔɾɔ 'kere

1ps posp rel3 cortar negação

"Eu não cortei ela"

309. ko- rɛ hwĩ'si 'ren mã

3ps posp fruta colher fut

"Ele colherá fruta"

Não foram registradas ocorrências de sujeito expreso por LN nominal marcado por *re* em orações independentes. O sujeito não pronominal em tais construções aparece marcado com a partícula *ra*:

310. *ko- re i- ka'ken 'kere*

3ps posp 1ps arranhar negação

"Ele não me arranhou"

311. *rɔpka'sak ta i- ka'ken 'kere*

cachorro ms 1ps arranhar negação

"O cachorro não me arranhou"

TIPO TRANSITIVO 4 (TR 4): [PRO₂ - *ra* - O - V]

Com um conjunto de verbos que exprimem sensações, sentimentos (gostar, ter medo), a oração transitiva ocorre com sujeito (PRO₂), manifestado por locução posposicional com *mã* "dativo". O objeto pronominal da posposição é uma forma da SII.

312. *ø- 'hrõ -n i'ta mã 'kĩ*

3ps esposa top 3ps posp gostar

"Ele gosta da esposa dele"

313. (ʔhẽn ʔwa) i- mã kaŋã w- i'mba

asp 1ps 1ps posp cobra rel medo

“Eu tenho medo da cobra”

314. (ʔpa -n ʔwa) i- mã a- ʔkĩ

1ps top 1ps 1ps posp 2ps gostar

“Eu gosto de você”

315. i'ta ra a'rə ʔkwã i'ta kaŋga

3ps ms adv. 3ps+posp 3ps cansar

“Ele está cansado dela”

Uma evidência de que o elemento junto ao verbo tem a função de objeto é o fato que, havendo identidade entre o objeto e o sujeito, ocorre a reflexivização:

316. kurten ʔka a- mã aŋĩ ka'hrĩ

interrog. 2ps 2ps posp reflex triste

“Porque você se entristeceu?”

3.2.5 Oração Transitiva Estendida

TIPO TRANSITIVO 4 (T4). [PRO₁ - OBL - O - V].

Além dos constituintes nucleares sujeito e objeto, as orações deste tipo contêm um constituinte adicional que se manifesta como oblíquo. O sujeito é expresso por pronome da SI ou por locução não pronominal que ocorre topicalizada ou marcada pela partícula *ra*, ou ainda por pronome da SII. O predicado é um verbo em FA ou FB, sob o condicionamento usual. A construção oblíqua é uma locução posposicional que tem por objeto um pronome da SII ou uma locução não pronominal. Também o objeto direto é expresso por pronome da SII ou por locução não pronominal. As posposições registradas nesse tipo de oração são: *mã* “dativo”, *we* “malefactivo, locativo”, *rɔ* “instrumento”:

317. ʔnira -n ku'si mã s- a'koro rɔ ʔĩ

3ps top fogo posp rel3 assoprar posp verbo posicional (estar sentado)

“Ele está soprando o fogo”

318. hwĩsosoka'nde ra ay- 'kwã s- a'rẽ

professor ms pl 3ps+posp rel3 falar

“O professor fala para eles”

319. 'hẽn 'wa 'tɛp we 'ndɔ ka'pa

asp 1ps peixe posp olho tirar

“Eu tirei o olho do peixe”

320. 'nira -n sɔk'ŋgre rɔ s- a'kre rɔ 'jĩ

3ps top ovo de pássaro posp rel3 contar posp verbo posicional

“Ele está contando ovos de pássaro”

Também o constituinte oblíquo pode ocorrer como primeiro elemento da oração recebendo, neste caso, a marca de tópico:

321. 'krwa rɔ -n kà'o'mi ra 'rɔp 'pĩ

flecha posp top n. próp ms onça matar

“Kaomi matou onça com flecha”

Abaixo expomos quadros que resumem os subtipos oracionais.

INTRANSITIVA SIMPLES		TRANSITIVA SIMPLES		
S	V	A	O	V
PRO ₁	V _{FB}	PRO ₁	NOM ou PRO ₂	V _{FA,FB}
PRO ₂	V _{FA} V _{DESCRITIVO}	PRO ₃ - rɛ	NOM ou PRO ₂	V _{FA}
PRO ₂ - mã	V _{ESTATIVO}	PRO ₂ - mã	NOM ou PRO ₂	V _{ESTATIVO}
NOM - ra	V	NOM - ra	NOM ou PRO ₂	V _{FA, FB}

INTRANSITIVA ESTENDIDA			TRANSITIVA ESTENDIDA			
S	OBL	V	A	OBL	O	V
PRO ₁ NOM + ra	NOM ou PROP ₂ + POSP	PRO ₂ - V	PRO ₁ NOM + ra PRO + rε	NOM ou PRO ₂ + POSP	NOM ou PRO ₂	V

3.2.6 Orações Identificacionais

Consistem de um sujeito e um complemento expresso por nominal e incluem em sua estrutura o morfema *we*, que funciona como cópula. Este morfema, formalmente idêntico à posposição *we* “malefactivo, locativo”, ocorre posposto ao sujeito, que é expresso por pronome da SII ou por locução não pronominal.

322. a- 'we lu'si
2ps cóp n. próp
“Você é Lucy”

323. 'kwe 'ludo
3ps+cóp n. próp
“Ele é Ludo”

324. 'ka -n 'ka a- we kupẽkΛ'tʃi

2ps top 2ps 2ps cóp estrangeiro

“Você é estrangeiro”

O sujeito pode vir codificado por LN fora da locução posposicional (dado 324), caso em que há concordância do pronome da SII com o pronome da SI que manifesta o sujeito.

Nas situações em que o sujeito é de 3ª pessoa, é mais comum que ele venha aditivamente expresso por locução nominal topicalizada ou marcada com a partícula ra.

326. i- 'mdʒen ra 'kwe kutə'ket

1ps/posse marido ms 3ps/idet japonês

“Meu marido é japonês”

327. i- kra'ndi 'tũm na 'kwe karo'lina

1ps/posse filha velho top 3ps/cóp n. próp

“Minha filha mais velha é Karolina”

As orações identificacionais, além de seu emprego para exprimir identidade, papel social, como nos exemplos acima, são também usadas para indicar transformação.

328. 'tɛp ra 'kwe mɛ'ndiye

peixe ms 3ps/cóp mulher

"O peixe virou mulher"

329. am'ko ra 'kwe wɛ'wɛ

lagarta ms 3ps/cóp borboleta

"A lagarta virou borboleta"

330. kʌtɪ'reye tɔ̃ i'ta ra 'kwe mɛropaga'nde mã

menino sing este ms 3ps/cóp chefe fut

"Este menino é para ser chefe"

Lyons (LYONS, 1979, pp. 314-317), ao discutir as relações entre as funções locativas e as gramaticais da categoria de caso, no Finlandês, faz uma distinção entre o *essivo*, que exprime "... estados de qualidade ou condição contingente..." (op. cit. p.316), e o *translativo* que "...exprime o aspecto dinâmico..." (idem p. 317). O *translativo*, estado contingente dinâmico, assemelha-se às construções em 326 - 328. No entanto, não adotamos tal termo para nos referirmos a estas construções em Kĩsêdjê porque a mesma forma é utilizada para exprimir o estado permanente e a transição de estados (322 - 327).

3.2.7 Orações Equativas

Consistem de um sujeito e um complemento, ambos expressos por locução não pronominal. O sujeito ocorre marcado pela partícula *ra*, situação em que a ordem da construção é [S *ra* COMPLEMENTO].

331. a- ŋ- inti ra lursi

2ps rel nome ms n. próp

“Teu nome é Lucy”

O sujeito pode ser expresso também por demonstrativos. Em todas as ocorrências deste tipo observadas nos dados disponíveis, o complemento nominal aparece em posição de tópico seguido pela partícula de tópico. Ou seja, a oração tem a estrutura [COMPLEMENTO - na S]:

332. a- ki'kre -n i'ta

2ps casa top esta

“Esta é tua casa”

333. 'krwa -n a'ta

flecha top isso

“Isso é flecha”

334. 'kʌp na 'nira

borduna top aquilo

“Aquilo é borduna”

3.2.8 Orações Locativas / Existenciais

Consistem de um sujeito expresso por LN e um complemento predicado expresso por advérbio locativo ou temporal ou por locução posposicional com a posposição kām. O sujeito precede o complemento, situação em que é marcado pela partícula ra: [S ra COMPLEMENTO]:

335. a'ket ra ko'sʌ 'kre kām

resto ms cesta interior posp

“O resto está na cesta”

336. kusi'kum ra ki'kre 'kre kām

fumaça ms casa interior posp

“Tem fumaça na casa”

337. i- ki'kre ra mūha'dʒi

1ps/posse casa ms longe

“Minha casa é longe”

O complemento topicalizado precede o sujeito: [COMPLEMENTO na S]:

338. i'tay na i- ki'kre

aqui top 1ps/posse casa

“É aqui a minha casa”

339. ki'kre kãm na kusikũm

casa posp top fumaça

“Tem fumaça na casa”

A negação é assinalada pelo morfema 'kere:

340. i'tay i- ki'kre 'kere kã'pinas kam na i- ki'kre

aqui 1ps/posse casa negação campinas posp top 1ps/posse casa

“Minha casa não é aqui, é em Campinas”

341. li'ana ra ki'kre kãm 'kere

n. próp ms casa posp negação

“Liana não está em casa”

3.2.9 Orações Possessivas

O nome precedido de pronomes da SII corresponde a predicado em construções que exprimem posse:

342. i- 'kra

1ps filho

"Meu filho / Eu tenho filho"

O sujeito pode ser aditivamente expresso por LN ou pronome topicalizado, tendo a concordância assinalada pelo marcador no nome:

343. a'ta -n s- u'te

3ps top rel3 arco

"Ele tem um arco"

344. 'ma -n i- tu'te

1p (?) top 1ps arco

"Eu tenho um arco"

345. 'ma -n wa- tu'te

1p (?) top 1pl arco

"Nós temos um arco"

346. 'ma -n wa- ŋ- ũm'kre y- a'hoko

1p (?) top 1pl rel orelha rel furar

"Nós temos orelha furada"

Ao que seja de nosso conhecimento, a proposta de tratamento das orações verbais aqui apresentada difere de outras existentes relativamente a línguas da família Jê.

Em sua descrição do Canela-Krahó, Popjes & Popjes (1986), definem seis tipos de orações verbais: transitiva, transitiva-estativa, pseudo-transitiva, intransitiva, estativa e adjetival. Os autores não incluem o tipo bitransitivo, uma vez que tratam o objeto indireto e outros constituintes expressos por LP como periféricos/opcionais, e baseiam sua classificação nos constituintes obrigatórios S, A e O. Contudo, o tipo que denominam “pseudo-transitivo”, e que corresponde ao tipos intransitivo estendido em Kîsêdjê, apresenta objeto oblíquo obrigatório.

Acreditamos que a abordagem das orações do Kîsêdjê (e de outras línguas Jê), nos termos aqui apresentados, permita melhor captar as características das construções.

Escolhemos o rótulo estendido para nos referirmos à construções com argumento adicional seguindo Dixon (DIXON, 1994, p. 123), que ao discorrer sobre transitivos e intransitivos estendidos considera a possibilidade de o argumento extra ser opcional ou obrigatório quando faz comentários sobre este fato na língua Trumai (sobre esta língua ver: GUIRARDELLO, 1992). Em Kîsêdjê, ainda não temos certeza absoluta se o argumento extra das intransitivas e transitivas estendidas é opcional ou não em todas as construções. Em certas construções, ele não pode ser apagado da oração. Confira:

347. 'wa ka'to

1ps sair

“Eu saí”

348. 'wa karen mã i- ka'to

1ps cachimbo posp 1ps “encontrar”

“Eu encontrei o cachimbo”

* 'wa i- ka'to (agramatical)

A construção em 348 sem a construção oblíqua é agramatical. Como é mostrado no item 3.2, o verbo intransitivo na FB não recebe pronomes da SII.

Ou seja, o argumento adicional do verbo intransitivo estendido não pode ser apagado porque geraria uma oração agramatical.

3.3 Imperativos

O imperativo é assinalado pela partícula 'rik, posicionada no início da oração, antecedendo o verbo e o objeto, se este está presente.

Os marcadores de pessoa usados no Imperativo são basicamente aqueles que ocorrem em construções não imperativas, com distribuição semelhante, exceto que, nas situações onde o sujeito é o elemento marcado, ocorrem somente os pronomes de segunda pessoa da SII.

349. ʔrik ʔŋõro

imp dormir

“Durma!”

350. ʔrik a- kaʔpẽre

imp 2ps falar

“Fale!”

Com verbos transitivos o objeto pode ser expresso por LN, pelo prefixo ku- ou por relacionais ou por pronome da SII.

351. ʔrik kaŋã ʔpĩ

imp cobra matar

“Mate a cobra!”

352. ʔrik ku- ʔkre

imp obj engolir

“Engula!”

353. i- ʔpĩ

1ps matar

“Me mata!”

Em certos contextos, como em 353, e os que seguem, a marca de imperativo não é obrigatória.

354. am'ne tẽ

direc ir

"Venha cá!"

355. 'sAk rɔ ʔɪ

banco posp sentar

"Senta no banco!"

356. a'hriɔ a- ka'pẽre

devagar 2ps falar

"Fala devagar!"

Por outro lado, em respostas, o verbo pode ser omitido. Por exemplo: ao sair de uma casa, a pessoa diz para o anfitrião i'tẽm mã "vou embora", cuja resposta pode ser 'rik "vá".

A negação de verbo no imperativo é assinalada por 'kere:

357. 'rik a- 'mbərə 'kere

imp 2ps chorar negação

"Não chore"

O exortativo forma-se com *ha'ru* ou *ma'ku* posicionados no início da oração, precedendo o verbo:

358. *·haru ku a'hwe*

exo 1+2 trabalhar

“Vamos trabalhar”

359. *·haru ·ku ·twə*

exo 1+2 banhar

“Vamos banhar”

360. *ma'ku ka'ren ·hwe*

exo cigarro fazer

“Vamos fumar”

361. *ma'ku a'ku mã*

exo comer fut

“Vamos comer”

362. *ma'ku ·rik ·tẽ*

exo imp ir

“Vamos”

Como mostra o último exemplo, a partícula *rik* pode coocorrer com o exortativo.

O proibitivo vem acompanhado de negação característica que o diferencia do modo imperativo:

363. a- *'mbərə hwe'tʃi*

2ps chorar negação

“Não chore, não...”

364. i- *'mẽ -n hwe'tʃi*

1ps jogar top negação

“Não me joga (pode-se dizer 364 se alguém está brincando de jogar as pessoas na água)”

No confronto dos dados 357 e 363 percebe-se que a negação usada para o proibitivo é *hwe'tʃi*. A negação *'kere* é a palavra comum para as orações negativas, usada também com o imperativo, num sentido de ordem, oposto ao sentido expresso no dado 363. Some-se a isso, uma situação pela qual passei em área: Ngajmo, uma velha índia tapayúna, mostrou-me, chorando, sua rede muito velha e rasgada. Pediu-me outra porque não tinha condições de adquirir uma nova. Dei-lhe a minha e, novamente chorando, agradeceu-me. Como ela não fala português, quis consolá-la e disse a ela: *a'mbərə 'kere...*, *a'mbərə 'kere*. Mais tarde, reproduzi o acontecido para meu informante que prontamente me corrigiu: “Você falou errado. Devia dizer: *a'mbərə hwe'tʃi*”.

3.4 INTERROGATIVO

3.4.1 Perguntas Sim/Não

São assinaladas por entonação ou por partículas

No enunciado em 365, a pergunta é assinalada por um contorno ascendente com mudança mais acentuada de tom na sílaba tônica do item interrogado, enquanto a resposta, no dado 366, tem uma entonação descendente:

365.

'kwa- rɛ 'piri mã

"Nós vamos pegar?"

366.

'kwa- rɛ 'piri mã

"Nós vamos pegar"

As perguntas sim/não são também marcadas pelas partículas *ku'tɛ* e *'kot*:

367. *ku'tɛ -n 'ka 'pəye*

int top 2ps chegar

"Você chegou?"

368. 'kot 'ka mẽ'kĩn mã 'tẽ

int 2ps festa posp ir

"Você vai à festa?"

A diferença entre essas duas partículas interrogativas não está clara. Parece-nos que em 367 trata-se de uma pergunta para a qual o falante espera uma resposta positiva e, em 368, exige-se uma resposta da qual o falante não tem conhecimento.

O elemento sobre o qual recai a interrogação é topicalizado, sendo movido para a posição inicial da oração, ocorrendo após a partícula interrogativa:

369. kao'mi ra 'ludo mã 'ko 'ŋõ

n. próp ms n. próp posp borduna dar

"Kaomi deu borduna para o Ludo"

370. ku'te kao'mi -n 'kwã ku- 'ŋõ

int top 3ps/posp obj dar

"Foi Kaomi que a deu para ele?"

371. 'kere aturi -n 'kwã ku- 'ŋõ

neg n. próp top 3ps/posp obj dar

"Não. Foi Aturi que a deu para ele"

372. ku'tɛ 'ko -n kao'mi ra 'ludo mã ku- 'ŋõ

int borduna top ms posp obj dar

"Foi borduna que Kaomi deu para o Ludo?"

373. ku'tɛ 'ludo mã -n kao'mi ra 'ko 'ŋõ

int posp top ms borduna dar

"Foi para Ludo que Kaomi deu borduna?"

3.4.2 Perguntas Alternativas

Expressam-se por uma sequência de orações, a primeira com contorno ascendente, e a segunda com contorno descendente.

374.

a- 'tẽm mã a- 'tẽm 'ket mã

2ps ir posp 2ps ir neg posp

"Você vai ou você não vai?"

Perguntas alternativas que recaem sobre constituintes são marcadas com a partícula (?) ya'nti posposta a cada elemento da sequência. O contorno entonacional é o mesmo do tipo anterior.

375. wə'tə -n 'ka ka're 'kuru mã 'tewe ya'nti 'mbri p- î ya'nti
 int top 2ps 2ps comer posp peixe ou bicho rel carne ou
 "O que você vai comer: peixe ou carne de bicho?"

3.4.3 Perguntas com Palavras Interrogativas

São formadas com palavras que ocorrem, geralmente, em posição inicial da oração. Qualquer constituinte da oração pode ser substituído por uma palavra interrogativa, menos o verbo.

Sujeito e Objeto

São interrogados por meio das palavras 'nũm "quem" e wə'tə "que, qual", usadas, respectivamente, para itens de referência [+humano], e [-humano].

376. 'nũm na 'mẽ 'kĩn mã 'tẽm mã
 quem top festa posp ir fut
 "Quem vai à festa?"

377. 'nũm na 'ʃa p- î'hwere
 quem top chá rel fazer
 "Quem fez chá?"

378. ʔnũm na ʔka ku- pĩ
 quem top 2ps obj matar
 “Quem você matou?”

379. wəʔtə -n kurtə
 o que top cheirar
 “O que (sujeito) cheira?”

380. wəʔtə -n ku- ʔnta
 o que top obj morder
 “O que o mordeu?”

381. wəʔtə -n ʔka ku- ʔpĩ
 o que top 2ps obj matar
 “O que você matou?”

Objeto Indireto e outros Constituintes Oblíquos

Os interrogativos para o objeto indireto, e vários outros oblíquos, são constituídos de locuções posposicionais que têm como objeto ʔnũm “quem”, ʔni “lugar” e wəʔtə “que”.

382. ʔnũm mã -n kao'mi ra 'mbri ʔn- ɪ̃ ʔŋõ
 quem posp top ms carne rel carne dar
 “Para quem Kaomi deu carne?”

383. ʔnũm kot na 'ka a- ʔŋgrik
 quem posp top 2ps 2ps zangar
 “Por causa de quem você se zangou?”

384. ʔŋĩ mã -n 'ka 'tẽm mã
 onde posp top 2ps ir fut
 “Para onde você vai?”

385. ʔŋĩ rum na 'ka 'tẽ
 onde posp top 2ps ir
 “De onde você veio?”

386. ʔŋĩ ka'tip na 'ka 'pəy
 posp top 2ps chegar
 “Quando você chegou?”

387. wə'tə rə -n kao'mi ra 'mbri ʔn- ɪ̃ y- a'ka
 o que posp top ms bicho rel carne rel cortar
 “Com o que Kaomi cortou carne?”

Perguntas referentes a tempo são também formuladas com *apĩto jĩ*. Nos exemplos disponíveis tais perguntas se referem a tempo futuro.

388. *apĩto jĩ a- 'pot mã*

2ps chegar fut

“Quando você chegará?”

Perguntas referentes ao modo (como), contém o elemento *apĩto* que, diferentemente dos demais interrogativos não ocorre em posição inicial da oração.

389. *'hẽn ŋ- i'nti ra apĩto*

asp 2ps nome ms como

“Como é teu nome?”

390. *kurte 'hẽn hwĩsosok ta apĩto -n po'pãsa kãm 'nõ*

int asp dinheiro ms como top poupança posp verbo posicional

“Como está o dinheiro na poupança?”

Note-se que em 390 a partícula interrogativa desloca a partícula *'hẽn* para a segunda posição da oração.

3.5 SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO NAS ORAÇÕES INDEPENDENTES

3.5.1 Introdução

O termo sistema de marcação de caso refere-se ao conjunto de mecanismos usados nas línguas para marcar as relações sintático-semânticas dos nominais com o verbo.

Partindo das relações nucleares básicas — sujeito de verbo intransitivo (S), sujeito de verbo transitivo (A) e objeto de verbo transitivo (O), Comrie (1978), aponta a existência de cinco tipos logicamente possíveis de marcação de caso, dois dos quais são bastante comuns nas línguas:

i) Sistema Nominativo-Acusativo: S é marcado da mesma maneira que A e diferentemente de O. Este sistema ocorre em línguas como o Latim em que a mesma flexão (nominativo), é usada para marcar A e S e uma outra (acusativo), assinala O.

ii) Sistema Ergativo-Absolutivo: S é tratado da mesma maneira que O, em oposição a A, que é diferentemente marcado. Este sistema está presente em várias línguas e também em línguas indígenas brasileiras, como o Makushi (Karib).

Os três outros sistemas teoricamente possíveis são raros ou não atestados: o neutro, que trata S, A e O indistintamente; o contrastivo, que trata diferentemente S, A e O; e um sistema que trataria A e O da mesma maneira e S diferentemente.

Os estudos sobre sistemas de marcação de caso de várias línguas demonstraram que a possibilidade de sistemas puros são raros. Geralmente, tais sistemas são condicionados por um ou vários fatores interligados: a natureza do verbo (ativo, não ativo), a natureza do nominal (nome, pronome), tipo de oração (independente, subordinada), ou categoria de tempo/aspecto (DIXON, 1994).

Muitas línguas apresentam uma subdivisão de verbos intransitivos em duas subclasses semânticas, que se refletem em diferentes estruturas. Uma das subclasses relaciona-se a situações em que o referente da LN sujeito (S) tem controle, sendo então marcado da mesma maneira que o sujeito de verbos transitivos (A), e a outra, a situações em que o referente da LN sujeito (S), não tem controle, recebendo então a mesma marcação que o objeto (O). Os dois tipos de sujeito são indicados, respectivamente, como Sa e So.

Para alguns linguistas (DIXON, 1979), a distinção acima está relacionada a uma cisão no sistema ergativo (S-cindido), sendo considerada um subtipo da ergatividade resultando nos padrões S= A diferente de O (nominativo), no caso de verbos ativos; e A diferente de S = O, (ergativo), no caso dos não ativos.

Para outros linguistas a distinção de duas classes de verbos intransitivos está relacionada a um outro sistema, o Ativo-Estativo (também referido como Agente-Paciente, Ativo-Não Ativo), postulado pela primeira vez como um sistema autônomo, ao lado do Nominativo-Acusativo e Ergativo-Absolutivo, por Klimov (1972, 1977 - apud SEKI, 1982, 1990).

Neste caso, parte-se do tratamento simultâneo de quatro relações básicas: Sa, A, So, O, organizados no padrão A = Sa, O = So. O Sistema Ativo Estativo é parte integrante de algumas línguas indígenas brasileiras, como o

Kamaiurá, da família Tupi-Guarani (SEKI, 1990) e o Ikpeng/Txicão, da família Karib (CAMPETELA, 1997).

O sistema de marcação de caso pode manifestar-se morfologicamente (a nível intra-oracional), e sintaticamente, a nível inter-relacional. Neste último caso, manifesta-se na maneira como certas operações sintáticas afetam os constituintes. Por exemplo, a operação de apagamento de constituintes co-referentes pode aplicar-se somente nas situações em que a co-referência se dá entre S e A (acusatividade sintática). Ou, ao contrário, pode aplicar-se somente se S e O são co-referentes (ergatividade sintática).

A marcação de caso a nível morfológico (intra-oracional), manifesta-se não somente através de flexão casual, como em Latim, ou por meio de adposições/partículas, mas também por outros recursos, como a ordem dos constituintes na oração e elementos pronominais junto ao verbo. Os padrões de distribuição dos marcadores de pessoa, similarmente à flexão casual, também assinalam distinções do caso. Se um mesmo elemento pronominal é usado para marcar S e A, e um outro distinto marca O, tem-se um padrão nominativo-acusativo. Se S e O são marcados por um mesmo elemento, diferentemente de A, codificado por outro, tem-se um padrão ergativo-absolutivo (DIXON, 1979, 1994).

Nesta seção, apresentaremos uma primeira abordagem do sistema de marcação de caso em orações independentes (isto é, a nível intra-oracional), da língua Kĩsêdjê, as cisões existentes e os fatores que as condicionam. Estaremos usando a simbologia acima mencionada: A, S, Sa, So (DIXON, 1979).

3.5.2 Marcação de Caso nas Orações Independentes do Kîsêdjê

Viu-se nas seções anteriores que em Kîsêdjê o sujeito de orações intransitivas e transitivas pode ser expresso por nominais ou por pronomes e que esses elementos podem receber diferentes marcas em diferentes construções.

De modo geral, o Kîsêdjê apresenta um sistema de marcação de caso cindido. Há uma primeira cisão mais abrangente, condicionada pela natureza semântica da LN: as orações com S ou A nominais têm um padrão de marcação de caso diferente do que ocorre em orações com S e A pronominais. Nestas últimas, por sua vez, há uma outra cisão, condicionada pela categoria de tempo/aspecto e negação.

3.5.3 O Sistema de Marcação de Caso Envolvendo Pronomes

Como tratado anteriormente, os pronomes da SI ocorrem com verbos de FB, orações negativas, não marcadas para futuro ou para o progressivo, assinalando S, no caso de verbo intransitivo, e A, no caso de verbos transitivos. O objeto é sempre expresso por nominal ou por pronome da SII. Vejamos os exemplos:

391. 'wa 'ŋgrɛ

1ps dançar

"Eu dancei"

392. 'wa mi'tʃi 'pĩ

1ps jacaré matar

"Eu matei jacaré"

393. 'ka i- 'mũ

2ps 1ps ver

"Você me viu"

394. 'pa -n 'wa a- 'mũ

1ps top 1ps 2ps ver

"Eu vi você"

A comparação de 391 e 392 demonstra que A e S são tratados da mesma forma e, na função de objeto, a 1ª e 2ª pessoas assumem uma forma diferente (um pronome da SII) exemplificada nos dados 393 e 394. Assim, os pronomes da SI ocorrem como formas nominativas, e os da SII como formas acusativas, isto é, pronomes da SI e os da SII configuram um sistema nominativo-acusativo cujo condicionamento está restrito a orações não futuras, não progressivas e não negativas.

Viu-se que verbos intransitivos em FA ocorrem em orações no futuro, no progressivo e na forma negativa, e têm o sujeito marcado por pronome da SII. Sob o mesmo condicionamento orações transitivas com verbos fem FA marcam a função A com elemento pronominal da SIII, que incluem o formativo *ɾɛ*, e marcam a função de O com nominal ou pronome da SII.

395. i- 'ŋgere mã

1ps dançar fut

“Eu dançarei”

396. a- 'ŋgere 'kere

2ps dançar negação

“Você não dançou”

397. i're a- ka'ken 'kere

1ps 2ps coçar negação

“Eu não cocei você”

398. ka're i- kaken 'kere

2ps 1ps coçar negação

“Você não me coçou”

Os pronomes da SIII somente são usados para assinalar A, ou seja, são formas ergativas contrapondo-se às formas absolutivas da SII, usadas nessas construções para marcar tanto S quanto O. Tem-se, portanto, em orações no futuro, no progressivo e no negativo um padrão de marcação de caso ergativo-absolutivo.

399. i- 'ŋgere mã

1ps dançar fut

"Eu não dançarei"

400. a- 'ŋgere 'kere

2ps dançar negação

"Você não dançou"

401. ka- 're i- ka'ken 'kere

2ps erg 1ps arranhar negação

"Você não me arranhou"

402. i- 're a- ka'ken 'kere

1ps erg 2ps arranhar negação

"Eu não arranhei você"

Note-se que se estas orações não estiverem condicionadas por TA e/ou negação, as formas pronominais em função S devem ser aquelas da SI (cf.: dado 391), e não os da SII como acima ilustrado. Ainda, comparem-se os dados 395 e 398, 396 e 397 que demonstram que S e O estão sendo tratados do mesmo modo, o que caracteriza o sistema ergativo-absolutivo que envolve os pronomes da SII.

Correndo o risco de sermos redundantes, note-se que no sistema nominativo-acusativo há o envolvimento de pronomes da SI e da SII. Os da SI,

ocorrem no nominativo; os da SII ocorrem como acusativo. Os pronomes da SIII, com o formativo *re*, marcam o ergativo, ao passo que o absolutivo é marcado por pronomes da SII. Ou seja, os pronomes da SII participam de dois subsistemas: no sistema ergativo-absolutivo como formas absolutivas, e no sistema nominativo-acusativo, como formas acusativas. Há um imbricamento entre os pronomes das três séries. Tentamos demonstrar tal sistema, resumidamente, através do quadro que segue na próxima página:

Série 1: formas nominativas

1	wa	way	aypa	SISTEMA NOMINATIVO
2	ka	kay	ayka	
1+2	ku	kupa ou 'wa		
3	ø	itaye niradzɛ	ayta	

Série 2: formas acus. e/ou absolutivas

ACUSATIVO

1	i-	adʒi-	SISTEMA ERGATIVO ABSOLUTIVO
2	a-	aya-	
1+2	kwa-	wa-	
3	ø-	ø	

Série 3: formas ergativas

1	i- 'rɛ	i- 'rɛy	adʒi- 'rɛ
2	a- 'rɛ	ka- 'rɛy	
1+2	wa- 'rɛ	wa- 'rɛy	
3	ko- 'rɛ	ko- 'rɛy	ko- 'ray

3.5.4 O Sistema de Marcação de Caso Envolvendo Nominais

As orações independentes marcam o sujeito em função S ou A por partícula que se liga à locução formada por nominal. O objeto, quando se manifesta por pronome, é da SII e pode também ser um nominal não marcado. Tal sistema não está condicionado por TA ou pela negação. Vejam-se os exemplos:

403. rɔ'tʃi ra mĩ'tʃi 'pĩ

sucuri ms jacaré matar

"A sucuri matou o jacaré"

404. ka'ŋã ra ak'ndo

cobra ms fugir

"A cobra fugiu"

405. rɔ'tʃi ra mĩ'tʃi 'pĩrĩ 'kere

sucuri ms jacaré matar negação

"A sucuri não matou o jacaré"

406. 'mẽ ra 'ŋgere mã

peçoal ms dançar fut

"O peçoal vai dançar"

Em 403 e 404, respectivamente, A e S estão marcados pela mesma partícula. Estes dois dados, comparados a 405 e 406, demonstram que o condicionamento que ocorre para o sistema de pronomes não condiciona as orações independentes com sujeito constituído por nominal.

Nem sempre a locução nominal em função A ou S ocorre com a partícula. No entanto, quando esta não ocorre, a partícula de tópico ocupa seu lugar e acumula as funções de tópico e marca de sujeito. Confirmam-se os dados abaixo.

407. karu'pi ra 'ŋgʌ mã 'tẽ
n. próp ms C. H. posp ir
“Karupi foi para a Casa dos Homens”

408. karu'pi -n 'ŋgʌ mã 'tẽ
n. próp top C. H. posp ir
“Karupi foi para a Casa dos Homens”

409. tu're -n 'huru mã 'tẽ
pai top roça posp ir
“O pai foi para a roça”

410. 'huru mã -n tu're ra 'tẽ
roça posp top pai ms ir
“Foi o pai que foi para a roça”

Em 408 e 409, a partícula que marca S ou A está substituída pela partícula de tópico, acumulando estas duas funções. Em 410, ocorre o mesmo. Entretanto, quando o elemento topicalizado é a locução posposicional, a partícula de sujeito torna a ocorrer em sua posição canônica, após o sujeito, como em 410.

Há, ainda, a possibilidade, embora não freqüente, da não ocorrência das partículas que marcam sujeito e tópico, se não houver possibilidades de ambigüidade de interpretação do sujeito e objeto da oração.

420. li'ana ka'fe j- i'hwere

n. próprio café rel fazer

"Liana fez café (resposta a: quem fez café?)"

Não parece haver, no dado acima, possibilidade de ambigüidade de interpretação da oração porque i) os argumentos estão em sua ordem estrutural comum e; ii) o relacional estabelece o vínculo entre o objeto e o verbo.

Em orações com verbos descritivos, a mesma partícula marca o sujeito So.

421. 'mẽ 'sa ra 'mberi

peçoal doente ms bem

"O peçoal doente sarou"

A exemplificação aduzida deixa claro que o nominativo, e não o acusativo, é o elemento marcado.

Quando em orações descritivas a locução nominal é constituída por pronominal o sujeito em função So é manifestado por um pronome da SII, estabelecendo uma relação com o sujeito pronominal em função So de orações ativas que também é marcado por pronomes da SII na forma longa do verbo.

422. a- 'sîrɛ
 2ps pequeno
 "Você é pequeno"

423. (ʔpa -n 'wa) i- 'mbɛtʃi
 1ps top 1ps 1ps bem
 "Eu estou bem"

Concluindo, os pronomes têm um sistema parcialmente Ergativo/Absolutivo e parcialmente Nominativo/Acusativo, diferentemente dos nomes que manifestam um subsistema Nominativo/Acusativo. Assim, os fatos do Kîsêdjê constituem uma exceção à colocação de Dixon, segundo o qual

"If pronouns and nouns have different systems of case inflection, then the pronoun system will be accusative, and the noun system ergative, never the other way around" (DIXON, 1994, p. 84).

Ainda em relação a considerações tipológicas, conforme Dixon

“there is a clear, overall generalisation: that case which covers S (i. e. absolutive or nominative) is generally the unmarked term — both formally and functionally — in its system” (DIXON, 1994, p. 56, 57).

Como visto, em Kîsêdjê, a LN nominal em função de S ou de A ocorre com a partícula *ra*, ou seja, é o constituinte marcado. A LN em função de objeto é não marcada. É a mesma forma que ocorre também como forma citacional e como complemento em orações com *we* “cópula”.

O Kîsêdjê, portanto, é uma língua de “nominativo marcado”.

4. CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi apresentar uma descrição de aspectos morfossintáticos da língua Kîsêdjê. Procuramos alcançar tal objetivo não tentando trazer uma análise exaustiva de cada aspecto abordado, mas movidos pela preocupação o tratamento dos mesmos e os dados oferecidos pudessem se constituir no ponto de partida mais seguro possível para estudos comparativos de línguas da família Jê e, também, para a continuidade do trabalho de investigação da língua, a que pretendemos nos dedicar.

Além de nossa preocupação em apresentarmos um trabalho que pudesse ser tomado como ponto de partida para novas pesquisas do Kîsêdjê ou de outras línguas da família Jê, procuramos fazê-lo de forma a que pudesse ser um material auxiliar na formação dos professores das escolas das aldeias Rikô e Ngôságá. A transcrição ampla que adotamos, sem prejuízo da análise proposta, foi movida por esta preocupação, além de possibilitar, a leitores especializados, uma clareza maior de alguns processos fonológicos e morfofonológicos de interpretação e análise difíceis na língua Jê, como é o caso dos verbos em FA e FB, cuja diferença pode não ser, como apontamos, meramente o resultado de processo morfofonológico e/ou fonológico.

Entre os tópicos que abordamos, alguns se colocam como o móvel de pesquisas mais aprofundadas entre línguas da família Jê, como é o caso da categoria de TAM, envolvendo o elemento mã “tempo futuro”, que, em Kîsêdjê ocorre sempre no fim das orações independentes, enquanto em outras línguas, como o Caiapó, encontra-se no início das orações. Outro caso que certamente demandará estudos é o funcionamento da partícula ra, que apresentamos como um elemento que marca sujeito S ou A caracterizando, desse modo, um sistema nominativo-acusativo nas orações independentes. Outros pesquisadores poderão confirmar ou refutar, a partir de nosso trabalho, a interpretação que demos a essa partícula, já que deixamos explícitos os argumentos que nos levaram a considerá-la como tal. Há, ainda, outro ponto a ser considerado: a partícula na, aqui considerada como tópico e, possivelmente, como marca de tempo/aspecto. Outras descrições de línguas Jê apresentam o morfema correspondente como marca de tempo/aspecto, ora como marca de modo. O trabalho que aqui se apresenta, possibilitará a comparação do Kîsêdjê com as demais línguas, o que pode redundar numa maior clareza para o entendimento desse elemento.

Creemos ter dado uma pequena contribuição à tipologia lingüística quando apontamos que o sistema pronominal do Kîsêdjê (parcialmente funcionando como um sistema nominativo-acusativo e em parte funcionando como um sistema ergativo-absolutivo), e o sistema nominativo-acusativo das orações independentes constitui uma exceção à colocação de Dixon, de que nomes geralmente apresentam num sistema ergativo, e pronomes um sistema nominativo-acusativo. Como visto, a marcação de caso funciona de modo contrário ao que o autor coloca, ou seja, nomes apresentam um sistema nominativo-acusativo, enquanto

os pronomes apresentam um sistema cindido: ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo.

Ao fim deste trabalho, temos pelo menos uma certeza: estamos aptos a dar prosseguimento à investigação da língua, aprofundando a análise aqui iniciada.

5. BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, S.R. 1985. "Inflectional categories". In: T. Shopen (ed.) 1985. *Language typology and Syntactic description*. Vol. 3 Grammatical categories and the lexicon. 150-201.
- BORGES, M. de N. O. F. 1995. *Aspectos da Morfossintaxe do Sintagma Nominal da Língua Kayapó*. Dissertação de Mestrado. Brasília. Universidade de Brasília.
- CAMPETELA, C. 1997. *Análise do Sistema de Marcação de Caso nas Orações Independentes da Língua Ikpeng*. Dissertação de Mestrado. Campinas. Unicamp.
- COLLINS, V. 1962 *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras*. Ms. datilografado.

- COMRIE, B. 1978. Ergativity. In : W. P. Lehmann (org.) *Syntactic Typology: studies in the phenomenology of Language*, 329-394. Austin: University of Texas Press.
- COMRIE, B. 1989. *Language universals and linguistics typology*. 2^a ed. Oxford: Basil Blackwell.
- DAVIS, I. 1966. Comparative Jê Phonology. In: *Estudos Linguísticos. Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada*. Vol. 1., nº2 pp. 10-24. São Paulo: Centro de Linguística Aplicada.
- DIXON, R. M. W. 1979. Ergativity. *Language*. 1 (55): 59-138
- DIXON , R. M. W. 1982. *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. Berlin. Mouton
- DIXON, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge. University Press.
- FOLEY, W. A. & Van Valin Jr., R. D. 1985. Information packaging in the clause. In: T. Shopen (ed). *Language Typology and Syntatic Description*. Vol. 1: 282-364. Cambridge: Cambridge University Press.
- GIVON, T. 1984. *Syntax: a Functional- Typological Introduction*. Vol. 1 Amsterdam: John Benjamins.

- SEKI, L. 1989. "Evidências de Relações Genéticas na Família Jê". *Estudos Linguísticos XVIII*. Anais de seminários do GEL, pp. 604-611. Lorena/São Paulo.
- SEKI, L. 1990. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: D. Payne (ed), 1990. *Amazonian Linguistics- studies in Lowland South American Languages*. pp. 367-391. Austin: University of Texas Press.
- SEKI, L. 1993. Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Parque Xingu. In: L. Seki (org.) *Linguística e Educação Indígena na América Latina*. Campinas, Editora da Unicamp.
- SEKI, L. 1996. "Notas sobre a Gramática do Suyá e de outras línguas Jê." MS
- STEINEM, K. von den. 1940. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Trad. E. Shaden. Separatas da Revista do Arquivo nº XXXIV a LVIII. São Paulo: Departamento de Cultura.
- STEINEM, K. von den. 1942. *O Brasil Central*. Expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. de C. B. Cannabrana. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SUYÁ, T. & SUYÁ, K. 1995/6. *kĩsédjê kapẽ re* (coletânea de textos). Organização Ludoviko dos Santos.

- NICHOLS, J. & A. C. WOODBURY (ed.). 1985. *Grammar inside and outside the clause*. Cambridge: Cambridge University Press.
- POPJES, J. & POPJES. 1986. Canela-Krahô. In: Derbyshire, D. & G. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 1 Berlin: Mouton de Gruyter.
- RODRIGUES, A. D. 1986. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- RODRIGUES, A. D. s/d. "A piece of grammatical congruity among Tupi, Carib and Jê". MS.
- SAMARIN, W. J. 1967. *Field Linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- SEEGER, A. 1980 *Os Índios e Nós. Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras*. Rio de Janeiro, Editora Campus.
- SEEGER, A. 1981. *Nature and Society in Central Brasil. The Suya Indians of Mato Grosso*. Cambridge, Harvard University Press.
- SEKI, L. 1982. Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 3: 22-40. Campinas: Unicamp.

- GUEDES, M. 1993. *Siwja Mēkapērēra. Suya: a língua da gente - "Um estudo fonológico e gramatical"*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp.
- GUIRARDELO, R. 1992. *Aspectos da Morfossintaxe da Língua Trumai (isolada) e de seu Sistema de Marcação de Caso*. Dissertação de Mestrado. Campinas, Unicamp.
- JEFFERSON, K. 1989. Gramática Pedagógica Kayapó. Parte I e Parte II. Brasília: SIL (Arq. 186)
- JEFFERSON, K. 1974. Semantic Clause Analysis in Focus for learning Kayapó. Arg. Ling. 061. Brasília SIL.
- KIBRIK, A. E. 1977. *The Methodology of Field Investigations in Linguistics*. The Hague: Mouton.
- KIBRIK, A. E. 1990. "As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral" (Trad. Lucy Seki). In: L. Seki (org) *Cadernos de Estudos Linguísticos 18*: 13-36. Campinas: Unicamp.
- LYONS, J. 1979. *Introdução à Linguística Teórica*. (Trad. de Rosa Virginia Mattos e Silva e Hélio Pimentel). São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP.
- MATTHEWS, P. H. 1974. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.

WIESEMANN, U. 1986. "The Pronoun Systems of some Jê and Macro- Jê Languages." In: Wieseemann, U. (ed.) . *Pronominal systems*. Gunter Narr Verlag Tübing.